

FACULDADES EST
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

MARCOS CESAR PEREIRA

CAPELANIA A SERVIÇO DA HUMANIDADE

São Leopoldo

2016

MARCOS CESAR PEREIRA

CAPELANIA A SERVIÇO DA HUMANIDADE

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Linha de pesquisa: Leitura e Ensino da
Bíblia

Orientador: Verner Hoefelmann

São Leopoldo

2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P436c Pereira, Marcos Cesar
Capelania a serviço da humanidade / Marcos Cesar
Pereira ; orientador Verner Hoefelmann. – São Leopoldo :
EST/PPG, 2016.
77 p. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Faculdades EST. Programa de
Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo,
2016.

1. Capelães. 2. Cuidado pastoral. I. Hoefelmann, Verner.
II. Título.

MARCOS CESAR PEREIRA

CAPELANIA A SERVIÇO DA HUMANIDADE

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Linha de pesquisa: Leitura e Ensino da
Bíblia

Data de Aprovação: 02 de maio de 2016.

Verner Hoefelmann – Mestre em Teologia – Faculdades EST

Flávio Schmitt – Doutor em Ciências da Religião – Faculdades EST

Esta pesquisa é dedicada a
todos que desejam servir às
necessidades daqueles que
não encontram suporte
diante dos malfazejos
da vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar ao meu grande e eterno Deus,
razão pela qual existo.

Agradeço a minha esposa Noemi Pereira,
pelo incentivo e pela compreensão da minha ausência nos momentos de estudo,
fortalecendo meu desejo de vencer.

Aos meus filhos, Lucas e Micaela, pela paciência de me esperar nas minhas
ausências acadêmicas.

A Igreja que pastoreio há 20 anos, por me fazer crescer dia após dia.
Ao meu orientador, meu mestre, Verner Hoefelmann, a quem aprendi a admirar em
todos os aspectos.

RESUMO

Falar sobre capelania, para grande maioria das pessoas, é referir-se ao trabalho de assistência espiritual a pessoas hospitalizadas. O objetivo desta pesquisa é abrir o leque e redimensionar o campo de atuação da capelania. É humanizar a humanidade que está se distanciando dia após dia da prestação de auxílio, de apoio, de consolo e de amor fraternal. Neste trabalho, busca-se resgatar a dimensão humana por meio da espiritualidade, através de um referencial de auxílio diante do caos que a humanidade perscruta. É oferecer uma melhor compreensão da importância do serviço de capelania para o auxílio e resgate da humanização da humanidade. Sendo assim, o primeiro capítulo desenvolve a origem e os fundamentos da capelania. Ele aborda a questão da fundamentação evangélica da capelania, bem como o perfil do capelão. A segunda parte discorre sobre as múltiplas modalidades em que a capelania visa atuar, conceituando cada uma destas áreas de atuação e não perdendo de vista a necessidade de exercer este ofício a partir teologia. Por fim, apresenta os benefícios da fé para com o exercício da capelania. O terceiro capítulo, reflete sobre como organizar o trabalho de capelania e o seu funcionamento dentro de sua área de atuação.

Palavras-chave: Capelania. Amor. Humanidade. Humanização. Fé.

ABSTRACT

For a great majority of people to talk of chaplaincy is to refer to the work of spiritual assistance to hospitalized people. The goal of this research is to open the spectrum and redimension the work field of chaplaincy. It is to humanize humanity which is distancing itself day after day from helping, supporting, consoling and fraternally loving. In this work we seek to recover the human dimension through spirituality, through a referential of help facing the chaos which humanity is feeling. It is to offer a better comprehension of the importance of the service of chaplaincy to help and recover the humanization of humanity. Thus, the first chapter develops the origin and the foundations of chaplaincy. It deals with the issue of the evangelical foundation of chaplaincy, as well as with the profile of the chaplain. The second part discourses about the multiple modalities in which chaplaincy aims to work, conceptualizing each of these areas of work and not losing from view the need to exercise this office based on theology. Finally, it presents the benefits of faith related to the exercise of chaplaincy. The third chapter reflects about how to organize the chaplaincy work and its functioning within its area of work.

Keywords: Chaplaincy. Love. Humanity. Humanization. Faith.

LISTA DE SIGLAS

AT	Antigo Testamento
d.C	Depois de Cristo
Êx	Êxodo
Gn	Genesis
Hb	Hebreus
Jo	João
Lc	Lucas
Mc	Marcos
Mt	Mateus
NT	Novo Testamento
Nm	Números
PSD-RJ	Partido Social Democrático do Rio de Janeiro
1 Co	Primeira Coríntios
Rm	Romanos
Sl	Salmos
2 Co	Segunda Coríntios
Tm	Timóteo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
1 A ORIGEM DA CAPELANIA	19
1.1 Capelania e a Bíblia	21
1.2 A finalidade da Capelania.....	23
1.3 A Capelania e a legislação	24
1.4 A figura do capelão.....	25
1.5 O perfil do capelão.....	26
2 ÁREAS DE ATUAÇÃO DA CAPELANIA	29
2.1 Capelania Hospitalar.....	29
2.1.1 A Capelania Hospitalar e a doença	32
2.1.2 A Capelania Hospitalar e a esperança	34
2.2 Capelania Militar.....	35
2.3 Capelania Social.....	38
2.4 Capelania Prisional	42
2.4.1 Projeto de Lei sobre Capelania.....	47
2.5 Capelania Escolar	48
2.6 Capelania Ecológica	51
3 IMPLANTAÇÃO DA CAPELANIA.....	57
3.1 Princípios e Valores.....	57
3.1.1 Subvenção.....	58
3.1.2 Coordenação do Projeto de Implantação	58
3.1.3 Áreas de atuação	59
3.1.4 Deveres do seguimento ou Comunidade com a Capelania.....	59
3.1.5 Deveres da Capelania.....	60
3.2 A postura ética da Capelania com o projeto.....	60
3.2.1 O capelão e o relacionamento pessoal e interpessoal	60
3.2.2 O capelão e o trabalho de outro colega.....	60
3.2.3 O sigilo do Capelão	60
3.3 O perfil do capelão de cada modalidade de Capelania.....	61

3.3.1 A figura do Capelão ante sua modalidade de Capelania	61
3.3.2 Vocação.....	61
3.3.3 Formação.....	62
3.3.4 Personalidade	62
3.3.5 Apresentação.....	62
3.3.6 Família	63
3.3.7 O desempenho do capelão dentro do Projeto.....	63
3.3.8 Ferramentas, acessórios, e horário de trabalho.....	63
3.4 As Modalidades de capelarias e competências	64
3.4.1 Visitação	64
3.4.1.1 A Pessoa a ser atendida pela capelania	64
3.4.1.2 Pessoas em convalescência.....	65
3.4.1.3 A Família das pessoas em convalescência.....	65
3.4.2 Direcionamento.....	65
3.4.3 Relações Familiares	66
3.4.3.1 Crise nas relações de família	66
3.4.3.2 Crise em relações mútuas.....	66
3.4.3.3 Atividades sociais.....	67
3.4.3.4 Palestras sobre qualidade de vida	67
3.4.3.5 Recreação da alma	67
3.4.3.6 Eventos de Dignidade Humana.....	68
CONCLUSÃO	71
REFERÊNCIAS	75

INTRODUÇÃO

Uma das maiores necessidades do ser humano é ser compreendido. A capelania visa atender estas necessidades. Ao mencionarmos a palavra capelania, é notório a percepção que não é algo de fácil entendimento no senso comum, apesar dela existir a um bom tempo, encontramos hoje um cenário expressivo de desconhecimento por parte de alguns cidadãos deste serviço e dos benefícios do mesmo. A proposta inicial da capelania é servir ao necessitado, suprir suas carências, desafetos e abandono social.

Através da capelania tem-se a oportunidade de ministrar o evangelho, como também, de descobrir os meios de auxiliar as pessoas que estão com problemas, a enfrentar séria e realisticamente as suas frustrações, medos e desapontamentos. É um trabalho de assistencialismo, com enfoque espiritual.

Trabalhar com capelania é levar esperança, consolo, exortação e conforto para que o indivíduo enfrente essa fase de sua vida com mais determinação, segurança e confiança. O capelão, muitas vezes, é a única porta que ajudará a pessoa a sair vencedora dessa batalha, sem desistir de lutar.

A capelania hoje avança em múltiplas áreas de atuação, algumas mais comuns como a hospitalar, militar, prisional e escolar; outras em caráter inédito como o social, ecológica.

Esta pesquisa procura descortinar o trabalho de um capelão e da sua respectiva capelania. O foco central é apresentar a influência e validade desta atividade perante os diferentes campos propícios a sua atuação. É a partir de constatações históricas, teológicas, técnicas e práticas, no transcurso deste trabalho que se procura comprovar a hipótese de que a capelania sempre foi, é nos tempos atuais, e sempre será de extrema relevância para a comunidade local. O serviço de capelania em nível de influência, validade e importância está para uma organização tal qual a espiritualidade e a religião estão para o ser humano. O caminho percorrido para as constatações passa por uma via histórica desde os primórdios até sua prática expansiva nos dias atuais.

O primeiro capítulo tratará da origem, da finalidade e sobre a pessoa do capelão. Já o segundo capítulo percorre as múltiplas atuações da capelania. O terceiro capítulo, por sua vez, levará ao âmago da pesquisa que é a implantação da capelania.

Neste capítulo, todos os pormenores serão tratados a fim de auxiliar a todos que desejam desenvolver o trabalho com capelania, é apenas um esboço do que precisa ser aprimorado dia após dia.

Capelania é o exercício que visa, além da assistência social, o amparo espiritual, enfocando a pessoa do Senhor Jesus Cristo no contexto do Reino de Deus e comprometida com uma visão da integralidade do ser humano (corpo, emoções, intelecto, espírito). É o apoio, o encorajamento, a ajuda, o encontro do sentido da vida. É o aconselhamento com prudência, com sabedoria e equilíbrio.

Há uma gama enorme de trabalhos de capelania que estão sendo exercidos na sociedade, mas poucos escrevem sobre seu trabalho o que, algumas vezes, dificulta a realização de um trabalho de capelania que corresponda à necessidade daqueles que buscam por socorro. Por fim, esta dissertação, procurará contribuir no sentido de fechar algumas lacunas existentes a respeito do trabalho de capelania em suas múltiplas áreas de atuação.

1 A ORIGEM DA CAPELANIA

A palavra “capelania” é derivada do latim, *cappella*, e significa capa pequena. Como descreve Damy Ferreira em seu livro *Capelania Escolar Evangélica*, a ideia dessa atividade se originou no contexto militar:

Na França, em tempos de guerra, montava-se uma tenda especial, onde era mantido um sacerdote para ofícios religiosos e aconselhamento. A tenda era chamada de “capela”. O costume foi se perpetuando mesmo em tempos de paz e, com o tempo, o sacerdote que cuidava dela passou a ser chamado de “capelão”. O serviço estendeu - se também a outras instituições como: hospitais, cemitérios e prisões, chegando ao contexto escolar.¹

A ideia progrediu e, mesmo em tempo de paz, a capela continuava no Reino da França, sempre com um sacerdote, que era o conselheiro. O costume passou a ser observado também em Roma. Em 1789, este ofício foi abolido na França, mas restabelecido em 1857 pelo papa Pio IX. A esta altura, o sacerdote que tomava conta da capela, que era capelão, passava a ser líder espiritual do Soberano Rei e seus representantes. O serviço costumava estender-se também a outras instituições: Parlamento, Colégio, Cemitérios e Prisões.

A origem, no entanto, do termo capelania aconteceu na história de Martinho de Tours, soldado romano que viveu no século IV d.C., contemporâneo de Constantino. Walmir Vieira descreve em seu livro *Capelania Escolar – Desafios e Oportunidades* a experiência de Martinho e como surgiu o nome de capela e demais termos derivados, esta é outra versão do termo capelania:

Conta-se que era uma noite muito fria, “frio de rachar”, no inverno de 338, Martinho cavalgava para sua casa quando avistou um mendigo. Motivado de compaixão, rasgou sua capa em duas partes e deu a metade para aquele homem que parecia não suportar mais a baixa temperatura. Naquela mesma noite, teve um sonho. No sonho, Jesus Cristo aparecia com a metade da capa que dera ao mendigo. Quando contou o sonho para outras pessoas, ele chamou à metade daquela capa de capa pequena ou “capela”. Essa capa foi preservada, e no sétimo século foi guardada em um oratório que, por isso, passou a chamar-se “cappella”. Com o passar do tempo esse termo passou a designar qualquer oratório e o encarregado por estes passou a ser chamado **cappellanus** – capelão. Em torno do século XIV a palavra cappella, passou a designar generalizadamente qualquer pequeno

¹ FERREIRA, Damy. *Capelania escolar evangélica*. São Paulo: Rádio Trans Mundial, 2008.

templo destinado a acolher o Cristo no acolhimento dos irmãos mais necessitados (Mt 25.31-40).²

Do contexto militar, a capelania adentrou para o ambiente hospitalar e da saúde, onde se tornou uma instituição. No final do século XIX esta institucionalização desta atividade, começou a se consolidar com uma acirrada discussão sobre psicologia pastoral. Nesta discussão juntavam-se psicólogos, teólogos, clérigos, médicos e psicoterapeutas. O tema principal era “cura de todos”, e o objetivo maior era buscar saúde para o “homem inteiro” especialmente nos Estados Unidos e na Inglaterra.³

Hoje, a capelania também está presente em muitos outros lugares, apesar de ser mais conhecida no meio hospital e militar. Existe uma grande diversidade de áreas de atuação da capelania, tais como: prisional, social, ecológica e escolar. Capelania, então, é uma assistência religiosa e social prestada a serviços civis e militares. A mesma deve ser exercida para garantir a todos uma prestação de serviço social e, principalmente, espiritual, enfocando a pessoa do Senhor Jesus Cristo no contexto do Reino de Deus e não apenas de um grupo religioso. É levar a fé, a esperança e o amor (1Co 13.13). É aperfeiçoar sua fé com as obras (Tg 2.22); é ser ovelha de Jesus (Mt 25.35-36).

Para o teólogo e capelão Djoni Schallenberger, Capelania é uma “experiência sem igual de servir as pessoas em seus momentos de crises, dores, sofrimentos e dificuldades, e também na alegria das vitórias de superação, curas, e livramentos”.⁴ Neste sentido, Schallenberger busca também acentuar que o interesse maior da Capelania é ajudar as pessoas a passar por suas dificuldades com altruísmo e esperança. O foco não está na propagação de uma religião ou denominação religiosa, comenta o teólogo e capelão. Podemos definir então capelania como: “um serviço de apoio e assistência espiritual comprometida com a visão da integralidade do ser humano (corpo, emoções, intelecto, espírito)”.

² VIEIRA, Walmir. *Capelania Escolar, desafios e oportunidades*. São Paulo: Rádio TransMundial, 2009. p. 14.

³ FERREIRA, 2008.

⁴ SCHALLENBERGER, Djoni. *Capelania Hospitalar: desafio e oportunidade de amar pessoas*. Curitiba: Editora Ideia, 2012. p. 27.

1.1 Capelania e a Bíblia

Dado o fato de que a capelania surgiu com o propósito de prestar assistência aos necessitados, sem dúvida alguma, o seu objetivo principal é prestar cuidados com a finalidade de suprir os necessitados. Sendo assim, *cuidar* é o termo mais completo para definir a capelania. Boff soube expressar isto com toda propriedade cabível dentro de um seguimento humanitário.⁵ Uma das origens do vocábulo *cuidar* é latina, “*coera*” – utilizado num contexto relacional de amor e amizade e, expressa uma atitude de cuidado, preocupação e inquietação em relação a alguém ou algo estimado. “*Saber cuidar*” é muito mais que um ato: é uma atitude que resulta em uma dedicação, preocupação e envolvimento afetivo com o outro, afirma Boff.⁶

Este cuidado é pleno, pois envolve o ser humano em sua totalidade. Por isso não se resume ao mero contato físico, mas também afetivo-emocional, concretizando uma relação de sujeito para sujeito e não sujeito e objeto. A relação não é de domínio *sobre* e sim de *com-vivência*; não é uma intervenção, mas *interação*.⁷ Em suma, é uma atitude que implica envolvimento ante as necessidades das pessoas. Tal atitude é a condição prévia para o eclodir da amorosidade humana, afinal, quem cuida, ama e quem ama, cuida.⁸

O vocábulo que aparece no AT, 420 vezes para cuidar é *shamar*. Segundo o Dicionário Internacional de Teologia, é a prática de “exercer grande poder sobre”. Agregado a outros verbos, pode expressar “fazer com cuidado” ou “fazer diligentemente.”⁹ Em Nm 23.12 está escrito: *E ele respondeu e disse: Porventura, não terei cuidado de falar o que o SENHOR pôs na minha boca?*¹⁰ A verdade contida neste texto expõe uma atenção cuidadosa atrelada a obrigações decorrentes de leis e, é claro, na própria aliança do Criador com seu povo. O texto que consolida isto também está em Gênesis 18.19 ou Êxodo 20.6.

⁵ BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra*. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 12-13.

⁶ BOFF, 1999, p. 33.

⁷ BOFF, 1999, p. 46.

⁸ BOFF, Leonardo. *Ética e moral: a busca dos fundamentos*. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 22.

⁹ HARTLEY, John E. Shamar. In: Harris, R. Laride (Org.). *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. Tradução de Márcio Loureiro Redondo et al. Revisão de Gordon Chown et al. São Paulo: Vida Nova, 1998. p. 1587-1588.

¹⁰ BÍBLIA de Promessas Almeida. Tradução de João Ferreira de Almeida. ed. rev. e corr. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações, 2004.

Já no NT, o vocábulo que expressa o sentido de cuidado é *merimna*. Este remete a ter cuidado de/ou preocupar - se com alguém ou algo.¹¹ Textos como 2 Coríntios 11.28, que expressa preocupação paulina pelas igrejas, como também 1 Coríntios 12.25, que apresenta a igreja como corpo de Cristo, fundamentam com toda propriedade o sentido de cuidado ou preocupação. Esta é a tônica que fez nascer a Capelania: cuidado e preocupação com os menos assistidos e desumanizados. Tiago ensina que a fé está atrelada a obras (2.18b). A única maneira de tornar fé visível é pelas obras. A fé invisível torna-se visível quando veste-se em obras. O uso de Tiago aqui, significa “mostrar-se justo” ou “validar” (cf. Rm 3.4,1; Tm 3.16; Lc 7.35).

A atitude de cuidado é o que irá desdobrar a vida humana. Um antigo adágio ensinava: “quem tem cuidados não dorme”; ou “entreguei meu filho aos cuidados do diretor da escola” (coloquei-o sob sua responsabilidade). Os latinos conheciam a expressão *dolor amoris* (dor de amor) para expressar a cura e o cuidado para com a pessoa necessitada. O cuidado se encontra na origem da existência do ser humano. E essa origem não é apenas um começo temporal. A origem tem o sentido de fonte donde brota permanentemente o ser. Portanto, significa que o cuidado constitui uma presença ininterrupta, em cada momento e sempre, na existência humana. Cuidado é aquela energia que continuamente faz surgir o ser humano.

O verbo “amar” (*agapein*), conforme é usado acerca de Deus, expressa igualmente atitude. Quem ama a Deus faz o que Ele manda. Desse modo, podemos afastar qualquer sentido de ternura por Deus, visto que podemos sentir muita ternura por alguém e nada fazer por ele. Há muitas pessoas que sentem muita ternura por crianças, mas nada fazem em relação às diversas crianças que se encontram abandonadas em orfanatos. De igual modo, há muitas pessoas que declaram sentimentos dos mais sinceros em relação aos seus irmãos em Cristo. Dizem palavras bonitas, mas nunca estão disponíveis para ajudá-los quando precisam de apoio.

Em síntese, valendo-nos estritamente do significado do amor ordenado por Deus e por Jesus, tanto no Antigo como no Novo Testamento, respectivamente, podemos afirmar que quem não faz nada por Deus não ama a Deus. Quem não faz

¹¹ GOETZMANN, Jürgen. Ansiedade, cuidado. In: BROWN, Colin (Ed.). *O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. Trad. Gordon Chown. Revisão de Júlio Tavares Zabatiero. São Paulo: Vida Nova, 1981.

nada por seus irmãos não ama seus irmãos. Quem não faz nada pelo seu próximo não ama o seu próximo.

1.2 A finalidade da Capelania

Na perspectiva da fé, a visão cristã faz-nos buscar um equilíbrio entre fé e razão, entre o material e o espiritual. cremos em um Deus que se fez ser humano e que é verdadeiramente Deus e ser humano. Todos os campos da vida humana são também campos da fé, principalmente nos momentos de maior fragilidade humana ou mesmo nos mais modernos avanços da ciência. A tomada de consciência dos limites da ciência é uma boa ocasião que se oferece ao nosso tempo. Uma das grandes dificuldades é a assistência nos momentos de necessidade, dificuldades e doença, chegando às vezes ser difícil conseguir contatar um capelão para o acompanhamento ante a estes momentos. Sendo assim, é necessário exercer com esmero o ofício da capelania, visando:

- ✓ Fortalecer e assistir as atividades desenvolvidas pela Capelania, oferecendo assistência espiritual por meio dos capelães;
- ✓ Responsabilizar-se por pessoas que estejam a seu serviço, desde que devidamente credenciados;
- ✓ Aceitar para fins de cooperação ministros e leigos, desde que aceitem a posição da Capelania e se submetam os cursos de treinamentos pelo seu capelão;
- ✓ Estar à disposição de funcionários que desejarem aconselhamento pessoal (em casos especiais, quando preocupados e aflitos por problemas particulares, dando-lhes condições especiais de enfrentar e resolver suas crises e assim ter estrutura emocional para melhor atender os necessitados);
- ✓ Cooperar com clérigos de outras religiões, estabelecendo linhas de conduta e praxe.

Enfim, a necessidade irá modelar o exercício da Capelania em seus vários seguimentos, conforme o ambiente de trabalho dos capelães.

1.3 A Capelania e a legislação

A assistência religiosa nas entidades civis e militares é dispositivo previsto na Constituição Brasileira de 1988 nos seguintes termos:

Art. 5º: Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

I - Homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição;

II - Ninguém será obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude de lei;

III - Ninguém será submetido a tortura nem a tratamento desumano ou degradante;

IV - É livre a manifestação do pensamento, sendo vedado o anonimato;

V - É assegurado o direito de resposta, proporcional ao agravo, além da indenização por dano material, moral ou à imagem;

VI - É inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e as suas liturgias;

VII - É assegurada, nos termos da lei, a prestação de assistência religiosa nas entidades civis e militares de internação coletiva;

VIII - Ninguém será privado de direitos por motivo de crença religiosa ou de convicção filosófica ou política, salvo se as invocar para eximir-se de obrigação legal a todos imposta e recusar-se a cumprir prestação alternativa, fixada em lei;

IX - É livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença;

Art. 6º: São direitos sociais a educação, a saúde, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição.

Art. 203: A assistência social será prestada a quem dela necessitar, independentemente de contribuição à seguridade social, e tem por objetivos:

I - A proteção à família, à maternidade, à infância, à adolescência e à velhice;

II - O amparo às crianças e adolescentes carentes;

III - A promoção da integração ao mercado de trabalho;

IV - A habilitação e reabilitação das pessoas portadoras de deficiência e a promoção de sua integração à vida comunitária.¹²

O dispositivo transcrito assegura a liberdade de exercício da crença religiosa, sem condicionamentos, e protege os locais de culto e suas liturgias, mas aqui, na forma da lei. É evidente que não é a lei que vai definir os locais do culto e

¹² BRASIL. *Constituição Brasileira de 1988*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm>. Acesso em: 15 set. 2015.

suas liturgias. Isso é parte da liberdade de exercício dos cultos e, são protegidos na forma da lei.

A lei visa garantir e assegurar a formação integral do ser humano, oferecendo oportunidades de amparo, proteção, conhecimento, reflexão, desenvolvimento e aplicação dos valores e princípios que lhe foram conferidos dentro da sua crença para o exercício saudável da cidadania.

Para exercer adequadamente a função de capelão, o mesmo deve estar ciente da legislação e das obrigações desta função. Assim, o trabalho de capelania será desenvolvido com mais transparência e organização.

1.4 A figura do capelão

Capelão é um ministro religioso autorizado a prestar assistência religiosa em comunidades religiosas ou não, colégios, universidades, hospitais, presídios, corporações militares e outras organizações. Ao longo da história, muitas cortes e famílias nobres tinham o seu capelão.

Na sociedade, o capelão deve portar-se com discrição, absoluto respeito e dignidade cristã. Deve ter boa conduta, irrepreensível perante todos. Deve amar o Brasil e se esforçar para que todos quantos os cercam, amem a pátria e observem as suas leis. Deve zelar pelo bom nome dos seus colegas, não permitindo que, em qualquer situação, haja comentários desabonadores a respeito dos mesmos. Deve fazer tudo quanto estiver ao seu alcance para evitar que, quem quer que seja, use propaganda negativa contra os capelães cristãos, através de imprensa escrita, falada e televisada, procurando o benefício dos seus subalternos.

O capelão evangélico que marcou época durante a segunda guerra mundial foi o pastor Joao Filson Soren¹³, que era pastor da primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro. Depois que voltou da guerra¹⁴ pastoreou a Primeira Igreja Batista do Rio

¹³ BOISEN, Anton. *Theophilus* (29 de outubro de 1876 - 01 de outubro de 1965) foi uma figura importante na Capelania Hospitalar e educação pastoral clínico. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Clinical_pastoral_education>. Acesso em: 14 out. 2015.

¹⁴ Em 1944, com 36 anos de idade, emocionou o Brasil ao apresentar-se como voluntário para servir como Capelão na II Guerra Mundial sendo convidado então para estruturar o Serviço de Capelania Evangélica que ainda não existia nas Forças Armadas brasileiras. Foi nomeado Capelão Militar em 13 de julho de 1944 e classificado no 1º Regimento de Infantaria, (Regimento Sampaio). No dia 20 de setembro do mesmo ano embarcou com destino ao teatro de operações da Europa, onde permaneceu por 341 dias. Porém, continuou a pastorear a igreja que não abria mão de sua direção. Enviava cartas que era lidas e depois reproduzidas. A contribuição cívica com que ele honrou sua pátria na condição de Capelão Evangélico das Forças Expedicionárias Brasileiras lhe rendeu as seguintes condecorações militares: “Medalha do Esforço

durante 50 anos consecutivos, passando o cajado em 1985, com uma igreja com mais de 3.200 membros. Seu pai foi pastor da mesma Igreja por mais de 33 anos. Assim, os dois somaram, na mesma Primeira Igreja Batista do Rio, cerca de 80 anos de pastorado, de 1902 até 1985.

No Brasil, o ofício de capelania começou também na área militar, em 1858, com nome de repartição eclesiástica, evidentemente só com a Igreja Católica. O serviço foi abolido em 1899. Durante a segunda guerra mundial, em 1944, o serviço foi restabelecido com nome de Assistência Religiosa das forças Armadas. Na mesma época foi criada também a Capelania Evangélica para assegurar a presença de Capelães Evangélicos na FEB.

Ser capelão não é para quem apenas quer ter um curso profissional nesta área. Ele ou ela deve reunir certas qualidades, sem as quais não irá bem, por mais culto e preparado que seja. Para lidar em hospital, por exemplo, o capelão precisa ter muito amor e bom humor, pois as surpresas chocantes acontecem a todo o momento. Evidentemente amor é algo que se aprende. “Todo cristão deve ter amor e entender o que é amar ao próximo como a si mesmo. Mas amar pessoas enfermas a ponto de sofrer com ela diariamente, exige maior amor ainda.”¹⁵

1.5 O perfil do capelão

Para o exercício da capelania, o capelão precisa possuir alguns requisitos basilares que o acompanharão durante toda sua caminhada no exercício deste ofício. Ei-los:

- Ser humano, sensível e solidário. O capelão, acima de tudo, precisa ser gente, possuidor de personalidade de escutar e acolher as vozes dos necessitados, de compreender e de servir (cuidar). Deve ser alguém que seja uma presença significativa, e procure defender a dignidade da pessoa humana, seus valores de fé, liberdade e visão de mundo;
- Ser vocacionado (carisma e fé). O capelão sente-se chamado por Deus a partir da realidade do sofrimento para gerar vida e saúde, procura ouvir os apelos de Deus no coração da vida: do nascimento à morte. É continuador da ação misericordiosa e libertadora de Cristo para com os necessitados, no hoje de nossa história, a exemplo do bom Samaritano (Lc 10.29-37);
- Agente de transformação. É alguém que nutre uma indignação ética frente ao descaso em relação à vida humana. Sua missão se constitui de:

de Guerra”, “Medalha da Campanha da FEB”, “Cruz de Combate Primeira Classe” e a “Silver Star” (do Exército Norte Americano). Disponível em: <<http://www.capelaniamilitar.com.br/p/joao-filson-soren-primeiro-capelao.html#ixzz442GMQcLR>>. Acesso em: 14 out. 2015.

¹⁵ FERREIRA, Damy; ZITI, Mário Lizwaldo. *Capelania Hospitalar Cristã – Manual Didático e Prático para Capelães*. Santa Bárbara D’Oeste, SOCEP, 2002. 373 p.

- 1 - denúncia do que contradiz o projeto de vida de Jesus;
- 2 - anúncio de uma nova realidade na perspectiva do Reino;
- 3 - vivência dessa novidade no seu dia-a-dia (presença questionante). É defensor de políticas de humanização que coloquem o necessitado como razão de se e existir da humanidade; pessoas são mais importantes que objetos e coisas afins;
- 4 - Profissional com formação específica e permanente. O capelão procura integrar conhecimento das ciências humanas (psicologia, sociologia e biológicas etc.) com a formação teológico-pastoral. Atualiza-se constantemente frente ao novo. É um profundo conhecedor dos problemas de bioética levantados pelo progresso técnico-científico na área de sua atuação. Sempre deve ser dedicado e, procurar conhecer a estrutura de funcionamento da capelania que ira exercer;
- 5 - Espiritualidade Pascal. É presença evangélica geradora de vida e esperança em meio à dor, sofrimento, cuidados e morte. É alguém que ora a partir do necessitado e com o necessitado. Cultiva uma dimensão orante da vida a partir da experiência do sofrimento humano, numa perspectiva de ressurreição. Tem sensibilidade para resgatar a dimensão celebrativa da vida (liturgia), levando o necessitado a Cristo, e Cristo ao necessitado, bem como procura ajudar os profissionais que atuam em conjunto com ele a resgatarem o sentido humano e o sentido da vida;
- 6 - Educador, Comunicador e Evangelizador. O capelão desenvolve novas lideranças na área da saúde, na dimensão humana e ética: agentes de Pastoral e profissionais da saúde que promovam a vida, desde seu início até o momento da morte. É um entusiasta anunciador da Boa Nova do Reino, para que “todos tenham vida e a tenham em abundância” (Jô 10,10). No seu modo de ser, agir e falar comunica ternura, esperança, fé, alegria e um sentido de vida;
- 7 - Líder e Inovador. É alguém que coordena, dinamiza, anima e une, humaniza e evangelicamente, a forças vivas presentes na instituição que o mesmo tem se dedicado. Estimula iniciativas voluntária que testemunham gratuidade, humanização e solidariedade;
- 8 - Ecumênico. Num contexto pluralista, onde se encontram diferentes visões de é, o capelão hospitalar é capaz e dialogar, cooperando no objetivo comum de servir ao necessitado, preservando a própria identidade de fé;
- 9 - Participante. O capelão é alguém capaz de trabalhar em equipe, buscando assessoria competente nas áreas afins (interdisciplinaridade), e também colabora no encaminhamento de soluções a problemas que atingem sua área específica (fé e moral). Deve ser capaz de delegar responsabilidade e também assessoria - se de um Conselho Pastoral;
- 10 - Inserido na conjuntura eclesial. O capelão deve estar integrado na Pastoral de conjunto com conhecimentos teológicos atualizados. Sensibiliza a comunidade para se compromete solidariedade com seus membros necessitados e, ao mesmo tempo, facilita a reintegração dos mesmos na família e comunidade.¹⁶

A formação não é o luxo que alguns podem permitir-se. Ao contrário, é uma condição indispensável para enfrentar hoje as situações adversas e prestar uma assistência eficaz. O capelão que recebeu o treinamento necessário para exercer este ofício está capacitado para prover o cuidado espiritual aos necessitados, aos

¹⁶ CORDEIRO, Rubens. Capelão Geral do SBME. *Workshop sobre Capelania*. 11.12.2008, Auditório da Direção Geral, 2008. p. 4-5.

seus familiares e para a equipe que está direta ou indiretamente envolvida com o mesmo. Além desse cuidado, o capelão pode minimizar o impacto de muitas tensões que surgem diariamente nas instituições que regem a sociedade, seja militar ou civil. O capelão deve prover treinamentos necessários para todos os membros da sua equipe de apoio, para que desta forma todos sejam nivelados por um mesmo prisma e assim possam dispensar de forma humanitária o cuidado que todos os necessitados precisam.

Cabe ao capelão perceber que em seu encontro com o necessitado, cada gesto, cada movimento, cada postura, cada palavra tem um efeito enorme sobre ele. A sua contribuição é de grande valia, pois a tecnologia, quando acrescida do lado humano, é muito mais efetiva. Como parte da equipe de assistência aos necessitados, cabe à Capelania atuar de forma integrada e participativa nos projetos de amparo, socorro e assistência, numa atuação multidisciplinar.

O papel do capelão, sem dúvida alguma, constitui parte fundamental no processo de humanização dos excluídos, dos carentes, dos necessitados. Sendo assim, cabe a ele desempenhar seu ofício com afinco e dedicação, sabendo que: [...] quando os *fizestes a um destes meus pequeninos, irmãos, a mim o fizestes!* (Mt 25.40).¹⁷

¹⁷ BÍBLIA de Estudo Dake. Tradução de João Ferreira de Almeida. ed. rev. e corr. Belo Horizonte: Editora Atos, 1997.

2 ÁREAS DE ATUAÇÃO DA CAPELANIA

A fim de desenvolver sua atuação em múltiplas áreas da sociedade, a Capelania, que anteriormente atendia somente aos militares e hospitais, abriu seu leque de atuação, adentrando nos mais inóspitos setores que procuram atender os necessitados.

Esta pesquisa visa apresentar algumas destas capelania sem, é claro, engessar seu campo de atuação visto que exercer Capelania é se matricular em uma escola em que sempre se irá aprender, já que essa escola não termina jamais.

É de grande valia esta segmentação, pois, como na medicina, quanto mais a pessoa se especializa em uma área, mas se torna hábil para exercer com esmero o ofício a desempenhar. Trabalhar com precisão produz resultados bem definidos e esperados.

Sendo assim, passamos a descrever a seguir estas modalidades de atuação da Capelania, tanto as existências há mais tempo como as novas áreas que a mesma passou a desenvolver.

2.1 Capelania Hospitalar

Observa-se que Capelania significa o cargo, a dignidade e o ofício do capelão¹⁸, qual é um ministro religioso¹⁹ que é encarregado e autorizado a prestar assistência religiosa e a realizar cultos ou missas nas respectivas repartições.

A Capelania Hospitalar leva consolo aos enfermos através do capelão, seja a infantes, adultos e anciãos, soropositivos, cancerosos, seja a pacientes terminais; e pacientes graves. E para cada tipo de paciente o capelão precisa de uma palavra diferenciada e apropriada para assistir o ser humano de forma integral, não importando a idade, não importando a posição social, o *status quo*, pois no leito da enfermidade todos se nivelam, todos ficam perdidos, aflitos e exaustos.

¹⁸ Capelania e Capelão na presente pesquisa serão usados como sinônimos. A Capelania só funcionará através de seu representante legal. E o Capelão sempre precisará de um lugar (Capelania) para aconselhar; para fazer suas celebrações, sejam cultos ou missas. Prestar assistência espiritual ao enfermo bem como a família do mesmo. Cabe ainda observar que capelania não envolve somente o enfermo, mas toda a equipe que presta assistência medica ao mesmo.

¹⁹ A função de capelão exige que o mesmo pertença a uma ordem religiosa.

A Revista *Veja* assevera que os “religiosos ganham importância nos hospitais e se aliam aos médicos no diagnóstico e tratamento de doentes.” Na mesma matéria ela ainda garante que:

O trabalho dos capelães é bem recebido e até incentivado por muitos médicos. "Por causa do grande tecnicismo que vem permeando a prática médica, os capelães e os médicos estiveram distantes uns dos outros por muito tempo", observa Paulo Chiavone, diretor do serviço de terapia intensiva da Santa Casa paulista. "Hoje a tendência é ver o capelão como parte ativa da equipe." Há seis meses, o capelão Anísio Baldessin conquistou uma cadeira cativa na seletíssima comissão de bioética do Hospital das Clínicas, HC, de São Paulo, o maior e um dos mais importantes da América Latina. Nas reuniões com os homens de branco, faz-se ouvir sobre todos os assuntos.²⁰

A referida reportagem traz ainda um importante depoimento sobre os dilemas existenciais enfrentados pelos médicos e pelos hospitais no seu dia a dia. O depoimento diz:

Numa tarde de janeiro passado, o bip do capelão Baldessin tocou. O chamado urgente era de um médico da equipe de transplantes do hospital. Os pais de um menino de 13 anos, vítima de morte cerebral devido a uma queda do telhado quando tentava pegar uma pipa, recusavam-se a doar os órgãos do garoto. "Deus nos deu o filho inteiro e agora nós vamos devolvê-lo em pedaços?", argumentavam. "O corpo perde a importância depois da morte e Deus só se alegraria com atos em defesa da vida, como a doação dos órgãos de seu filho", explicou o capelão. Os pais concordaram com a doação.²¹

Cada capelão de credos diferentes faz o seu trabalho de acordo com os seus dogmas de fé, mas dificilmente há cultos ecumênicos. Nem todas as denominações permitem o ecumenismo. Suas bases teológicas são diferentes. Uns creem em santos, outros não. Uns creem na ressurreição e outros na reencarnação. E biblicamente estes temas são antagônicos entre si.

Histórica e biblicamente, as várias religiões jamais vão ser concordes. A religião católica, a budista, a espírita, a hindu e a protestante jamais vão entrar em acordo no que diz respeito às suas crenças, aos seus dogmas e às suas tradições, pois elas diferem em gênero, grau e número. Mas podemos e devemos ter “unidade no essencial; liberdade nos não-essenciais; e amor em tudo”. O diferente não

²⁰ BOCCIA, Sandra. “Em nome da cura”. In: *Revista Veja*, São Paulo, Abril, Edição 1, no 626 - 10/12/1999. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/011299/p_132.html>. Acesso em: 15 out. 2015.

²¹ BOCCIA, 1999.

precisa ser excluído. Esta é uma incumbência do Criador, em dia, hora e ano que somente Ele conhece.

Não podemos voltar ao medievalismo religioso que perseguia até a morte os seus “opositores” através da malfadada “Santíssima Inquisição” e outros subterfúgios criados por ela, que matou, perseguiu e dizimou.

A religião tem uma complexidade transcendente e não é sábio negar a diversidade desse fenômeno universal, como também não é salutar dizer que na religião as pessoas vivem como se fossem uma grande fraternidade: isto é, no mínimo utópico. Mas mesmo diante de toda esta dificuldade os vários credos podem e devem manter um diálogo cordial, só não dá para fazer de conta. Assevero que se pessoas fizessem uma boa hermenêutica da teologia bíblica, não haveria esta enormidade de religiões.

Como guia espiritual, o capelão deve ser como um diplomata que vive em outro país, com todas as tensões políticas. E no exercício da diplomacia não deve ser um criador de intrigas. Jung atribuía ao capelão “o papel de sujeito facilitador do encontro do homem com sua dimensão espiritual”.²² E em sua obra *Psicoterapia e Direção Espiritual*, Jung entende que o ser humano é passível de necessidades espirituais que só podem ser supridas por sua experiência de encontro com o numinoso.²³ E o facilitador deste encontro é o guia espiritual que, segundo ele, deveria ser procurado pelas pessoas que sofrem, assim como quando estão doentes fisicamente procuram por um médico. Para ser este facilitador, o capelão e a religião devem estar pautados na Bíblia. E assim jamais se distanciariam de Deus. A religião verdadeira anda com a Bíblia e o Deus verdadeiro.

A Capelania não pode existir sem a religião, sem a Bíblia. Tanto uma quanto a outra são ferramentas indispensáveis ao capelão, e o trabalho deste não teria sentido sem ela; nas visitas iria falar de quem? De seus pressupostos? De suas teorias? A ausência de Deus na capelania gera morte, porque só Ele dá alento a quem está sem alento, vida a quem está quase sem vida.²⁴ Esse andar juntos fará bem para todos, desde o enfermo, a família, as equipes multidisciplinares de

²² JUNG, Carl Gustav. *Psicologia da religião ocidental e oriental*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1988.

²³ JUNG, Carl Gustav. *Psicoterapia e direção espiritual*. Petrópolis: Vozes, 1995.

²⁴ Mesmo que nesse momento de terminalidade seja uma vida “curta”, ou seja, uma compreensão para quem nunca teve compreensão de que a morte faz parte da vida. E mesmo que a pessoa venha conhecer a Deus neste último momento será muito importante porque ela morrerá em paz, e na confiança de que “Ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte, não temerei mal algum”. Esta informação encontramos no Salmo 23.4.

diferentes especialidades, e a outros profissionais que também trabalham no hospital, do servente até o diretor geral. E falando sobre esta questão, o capelão carioca Renato Santos assegura que para dar assistência espiritual aos pacientes e aos funcionários, nos EUA, eles se “reúnem toda semana com médicos, enfermeiras e assistentes sociais para discutir a necessidade de cada paciente.”²⁵ E o resultado será um atendimento integral a eles e aos seus familiares, não somente a estes, mas também à equipe médica, pois alguns médicos ficam desesperados, se sentem impotentes e derrotados quando perdem para uma doença e o seu paciente chega ao fim da vida. Há muitos profissionais da saúde que já são tementes a Deus.

2.1.1 A Capelania Hospitalar e a doença

Se recuarmos na história vamos descobrir que o tratamento das enfermidades começou com a religião. Os sacerdotes eram os grandes "médicos" ou terapeutas e os templos, não raro, faziam às vezes de hospitais. E daí já podemos constatar a assistência religiosa e espiritual juntamente com a arte de curar a enfermidade física, numa perfeita objetivação do ser humano integral.²⁶

A capacidade humana leva o ser humano a se esquecer de sua fragilidade. O Salmo 103.15-16 afirma: “[...] a vida do homem é semelhante à relva; ele floresce como a flor do campo, que se vai quando sopra o vento e nem se sabe mais o lugar que ocupava”. Esse homem é definido pelas Escrituras com o sopro divino. Enquanto o sopro divino estiver sobre o ser humano haverá vida. Sem sopro divino não tem vida. Gênesis 2.7b: “[...] e Ihe soprou nas narinas o fôlego de vida, e o homem passou a ser alma vivente”. Partindo deste princípio teológico, o capelão executa sua tarefa de levar aos pacientes uma profunda reflexão sobre sua fragilidade.

Atuar nos hospitais levando o amor de Deus, seu consolo e alívio num momento de dor é a missão da Capelania Hospitalar que, através de gestos de solidariedade e compaixão, leva a Palavra de Deus não só aos pacientes, mas também aos seus familiares, sem esquecer ainda dos profissionais de saúde, tantas vezes vivendo situações de estresse ou passando por momentos difíceis.

²⁵ Renato Santos é pastor batista que trabalha no Baptist Hospital of Miami, na Flórida. Formado em Capelania nos Estados Unidos, ele terminou sua residência hospitalar em 1992.

²⁶ FERREIRA, Damy; ZITI, Lizwaldo Mário. *Capelania Hospitalar Cristã*. São Paulo: SOCEP, 2002.

Os capelães respeitam a religião de cada paciente sem impor nada, apenas levando o consolo e a Palavra àqueles que a desejarem. Um estudo de adultos mais velhos achou que mais da metade informou que a religião deles era o recurso mais importante que os ajudaram na luta com doença.²⁷ Em outro estudo, 44% dos pacientes informaram que a religião era o fator mais importante que os ajudou na luta com a doença deles ou a hospitalização.²⁸ Em um estudo de mulheres com câncer de peito, 88% informaram que a religião era importante para elas e 85% indicaram que a religião ajudou a enfrentar a doença.²⁹ Semelhantemente, 93% das mulheres em um estudo de pacientes de câncer ginecológicos informaram que a religião aumentou a sua esperança.³⁰ Um estudo com pacientes de câncer de peito informou que 76% tinham orado sobre a situação delas como um modo de enfrentar o diagnóstico.³¹ Estudos demonstram que estar bem espiritualmente ajuda as pessoas a moderar os sentimentos dolorosos que acompanham a doença: ansiedade³² e isolamento.³³ Muitos pacientes esperam que os capelães e voluntários os ajudem com tais sentimentos infelizes.³⁴

Ainda podem pairar questionamentos sobre se existe benefícios desse serviço aos pacientes do Hospital. Em pesquisas realizadas, é comprovável a eficácia das benfeitorias desse tipo de serviço. Lydia Stroll (agosto, 2001) apresenta um quadro estatístico que documenta a ligação entre fé e saúde, resumido assim: vida mais longa, em pesquisa feita com 21 mil pessoas nos Estados Unidos, constatou-se uma diferença de 7 anos na expectativa de vida entre pessoas que praticam a fé cristã.³⁵ Sem dúvida alguma, este quadro estatístico revela que a

²⁷ KOENIG, H. G; MOBERG, D. O.; KVALE, J. N. *Religious and Hearth characteristics of patients attending a geriatric clinic*. Journal of the Society, 1988.

²⁸ KOENIG; PAIRE; BEARON; TRAVIS. *Religious perspectives of doctors, nurses, patients and families: some interesting differences*. Journal of Pastoral Care, 1991.

²⁹ JOHNSON, S.C; & B. SPILKA. *Coping with breast cancer: the roles of clergy and faith*. Journal of Religions and hearth, 1991. p. 30.

³⁰ ROBERTS, James A.; BROWN, D.; ELKINS, T.; LARSON, D. B. *Factors Influencing Views of Patients with Gynecologic Cancer About End-of -Life Decisions*. American Journal of Obstetrics and Gynecology, 1997. p. 176.

³¹ VANDECREEK; ROGERS; LESTER. *Use of alternative therapies among breast cancer outpatients compared to the General population*. Journal of Alternative and Complementary Medicine, 1999. p. 76.

³² KACZOROWSKI, Jane M. *Spiritual Well-Being and Anxiety in Adults Diagnosed with Cancer*. The Hospice Journal, 1989. p. 116.

³³ FEHER, S.; MALY, R. C. and Maly. *Coping with Breast Cancer in Later Life: The Role of Religious Faith*. Psychooncology, 1999. p. 416.

³⁴ KOENIG H. G; GOLI, V.; SHELP, F. KUDLER, H. S; COHEN, H. J.; BLAZER, D. G. *Major depression in hospitalized medically ill men: Documentation, treatment, and prognosis*. International Journal of Geriatric Psychiatry, 1992. p. 34.

³⁵ STROHL, Lydia. A Fé Cura? In: *Revista Seleções*, Agosto, 2001.

Capelania hospitalar tem cumprido cabalmente seu objetivo de levar aos enfermos, bem como seus familiares, o consolo e amparo que todos necessitam.

Diante destas pesquisas, o exercício da Capelania responde a estes sentimentos de modo sem igual, utilizando a espiritualidade que contribui com a cura de corpo, mente, coração e alma. Esta é a máxima do evangelho integral, que visa restaurar pessoas em toda plenitude do seu ser.

2.1.2 A Capelania Hospitalar e a esperança

A dor física, as emoções do paciente e as reações da família nos dão a impressão de um quadro sombrio da enfermidade. Mas em todas as fases da enfermidade o paciente passa pelo sentimento de esperança. O ditado popular “a esperança é a última que morre” é real no momento da doença. Quando o paciente deixa de manifestar esperança, trata-se geralmente de um sinal que a morte se aproxima. Mesmo pessoas gravemente enfermas, que têm uma ideia real sobre a sua condição, descobrem que a esperança as sustenta e encoraja especialmente em momentos difíceis. Pesquisas médicas verificaram que os pacientes sentem-se melhor quando há pelo menos um raio de esperança. Isto não significa que devemos mentir sobre a condição do paciente. Além disso, a psiquiatra Elisabeth Kubler-Ross escreve que *“partilhamos com eles a esperança de que algo imprevisto pode acontecer, que podem ter uma melhora, vindo a viver mais do que o esperado.”*³⁶

O cristão tem ainda mais esperança no conhecimento de que o Deus cheio de amor, o soberano do universo, se interesse por ele tanto agora como na eternidade. Por isso, a grande missão do visitador é levar consolo e esperança aos pacientes. O visitador cristão tem como recuperar a esperança daqueles que passam por tantas dores e sentimentos variados.

O enfoque é a humanização hospitalar. Assim sendo, todas as ações estão voltadas para a compaixão, que é entendida como consolo, afeto, amizade, companheirismo, respeito, ouvir com muita atenção e sentir a dor do próximo. Logo, não se deve criticar a religião das pessoas. A linha não é conversionista no sentido popular, reducionista e negativo. Diante do desafio de uma sociedade altamente tecnológica, a compaixão é o contraponto necessário para que haja o cuidado com o corpo e a alma (missão integral), com muito calor humano.

³⁶ KÜBLER-ROSS, Elisabeth. *Sobre a Morte e o Morrer*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1969.

2.2 Capelania Militar

A capelania militar é assegurada por leis federais, que além de apoio disponibiliza, nos meios do governo, concursos para contratação desse profissional. O capelão deve possuir formação teológica superior e requisitos para que seja admitido na corporação, a fim de exercer a função de capelão em diversas áreas ligadas ao ambiente militar. Trata-se de um serviço de assistência religiosa disponível em algumas unidades das Forças Militares. No exército brasileiro, a atividade iniciou-se no dia 24 de dezembro de 1850.

Sua finalidade consiste em prestar uma assistência religiosa e espiritual aos militares e aos civis ligados às organizações militares e aos respectivos familiares, bem como atender a encargos relacionados com a atividade de educação moral realizada em sua corporação. Para ser um capelão, é necessário ser um sacerdote católico ou um pastor evangélico pertencente a qualquer igreja que não atente contra a disciplina, a moral e as leis em vigor, bem como a tradição e os costumes das corporações militares. Dentre alguns dos objetivos específicos do trabalho de capelania estão a fomentar o desenvolvimento de um ambiente sadio no meio da família militar, bem como em outros órgãos de segurança pública como polícias federal, rodoviária federal e civil, guardas municipais e outros. E ainda, mobilizar os militares e servidores civis ligados a corporações militares do nosso país para evangelizar, cumprindo o ide de Jesus Cristo, no local de trabalho, conforme Mc 16.15: *“ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura”*. Assumir uma identidade cristã, sendo fiel testemunha onde Deus nos mandar, promover restauração moral, relacional, espiritual e emocional a militares e servidores que trabalham no sistema de segurança pública no Brasil e desenvolver trabalhos de aconselhamento e de assistência social.

A atividade militar, ambiente de atuação da Capelania, possui determinadas particularidades que devem ser consideradas: o militarismo é um sistema pautado na hierarquia e disciplina de forma bastante rígida e os profissionais ligados a este seguimento estão em atividade contínua, submetendo-se a um alto nível de *stress*, muitas vezes refletido em distúrbios no convívio familiar, ocorrência de doenças psicossomáticas entre outros males. Pela natureza da atividade militar, expor o profissional que nela atua a um constante desgaste físico, mental e emocional em sua prática diária. Ele tem que estar pronto para uma atuação em ambiente

desumano e hostil, exigindo uma condição de superação muito grande, a fim de evitar que o reflexo da atividade profissional venha a lhe atingir de maneira até patológica. Alguns estudos apontam problemas emocionais ligados à atividade policial militar como sendo um dos responsáveis pelo alto índice de suicídio, divórcio e alcoolismo nesse meio.³⁷

Pela característica do ambiente e sistema que o militar está inserido, é incomum permitir-lhe o externar de suas emoções, maquiando uma suposta superioridade emocional, impondo-lhe represar sentimentos que acabam por tornar-se um fator opressor, pois na caserna são formados para serem fortes e vencerem as adversidades como se fossem superiores a todo e qualquer problema, esquecendo, às vezes, que de fato são seres humanos como qualquer outro. A vida do militar, seja federal, estadual ou, municipal, de trânsito ou da corporação de bombeiros é peculiar, o que também se reflete em sua família, por trabalhar numa escala de horários diferenciado das demais profissões, por enfrentar constantes mudanças e perigos, não tendo ambiente rotineiro e ainda sob pressão tanto da chefia imediata, bem como da mídia, os combatentes de modo geral estão sempre expostos às variações emocionais.

Diante da necessidade de alcance deste público, além dos cursos de teologia tratem do tema, têm surgido inclusive pós-graduações na área de Capelania Militar, com o propósito de formar e capacitar teólogos e/ou outros profissionais nesta área, buscando assim atender esta demanda de espiritualidade individual e coletiva neste ambiente. O capelão deve ser uma pessoa sensível às necessidades humanas, disposto a dar ouvidos, confortar e encorajar o outro em suas dificuldades e crises, bem como ser capaz de oferecer aconselhamento integral e apoio emocional tanto ao militar como aos seus familiares.

Para melhor compreendê-los e assisti-los, a fim de que possam levar vida conjugal e familiar saudável, a igreja deve ter o compromisso de carregar seus fardos emocionais, sustentá-los em oração e socorrê-los em toda e qualquer situação que requeira força espiritual. Em muitas situações o “herói” em seu campo de trabalho é uma vítima de situações adversas e conflitantes no lar. A atuação do capelão militar tem papel fundamental diante destas pressões vividas na profissão militar.

³⁷ SILVA, M. B.; VIEIRA, S. B. O processo de trabalho do Militar Estadual e a Saúde Mental. In: *Saúde e Sociedade*, São Paulo, 2008.

Outra contribuição da Capelania Militar se dá no campo da disseminação dos valores e princípios da polícia comunitária. Dentre os aspectos importantes na abordagem dos capelães militares devem-se considerar os princípios teológicos da responsabilidade social da igreja e da dignidade do ser humano, ambos integrantes, de alguma forma, da filosofia de polícia comunitária. Vasconcelos comenta que “uma gestão espiritualizada é, antes de qualquer outra consideração, uma gestão inspirada em princípios humanísticos.”³⁸

A atuação do capelão é levar refrigério às corporações e cobri-los de orações, tanto por suas inestimáveis vidas quanto para suas preciosas famílias. Além, é claro, de prestar e oferecer todo suporte espiritual que ambos necessitam.

Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai das misericórdias e Deus de toda a consolação, que nos consola em toda a nossa tribulação, para que também possamos consolar os que estiverem em alguma tribulação, pela consolação com que nós mesmos somos consolados por Deus (2 Co 1.3-4).

A Capelania Militar vai muito além da mera reprodução da prática religiosa exercida no meio civil, pois ao cumprir sua missão, opera no contexto estratégico da corporação, gerando contribuições para o alcance dos propósitos institucionais e estratégicos que lhes são pertinentes. Além disso, interfere positiva e transversalmente nos processos de gestão de pessoas (cultura organizacional, valores, motivação e qualidade de vida), de gestão da imagem da instituição e de difusão de sua filosofia de ação, a polícia comunitária.

Quanto à gestão de pessoas, a Capelania Militar é capaz de contribuir com a disseminação de valores positivos, bem como de interferir na motivação e no comprometimento desses profissionais. Isso geralmente resulta em maior produtividade no trabalho e melhor qualidade de vida. Paralelamente, tem potencial para agregar valor à imagem institucional, tanto diante do público interno quanto externo. E neste aspecto ela revela-se também como elemento estratégico, já que além de influir na imagem da corporação pode servir como catalisadora de sua aproximação com a comunidade.

³⁸ VASCONCELOS, Anselmo Ferreira. *Espiritualidade no ambiente de trabalho: dimensões, reflexões e desafios*. São Paulo: Atlas, 2008.

2.3 Capelania Social

A Capelania Social tem como finalidade concretizar ações sociais específicas diante das situações reais de marginalização. Não é política, é uma preocupação com o bem-estar do próximo, buscando levantar recursos para ajudar os necessitados dentro de uma comunidade. Pode se afirmar que é ver, ouvir e sentir a necessidade do próximo, conforme Ex 3.7. É comunicar com aqueles que estão nos asilos, nos orfanatos, na mendicância.

É importante destacar que há termos que são constantemente confundidos como sendo sinônimos de Capelania Social, tais como, Assistência Social e Serviço Social, os quais não podem ser confundidos, visto que cada um deles têm definições próprias.

A ação beneficente deve ser analisada em três níveis: Assistência Social, Serviço Social e Capelania Social. Pode-se explicar através de uma breve ilustração, cujo autor não se sabe ao certo, diferença entre essas três ações: "Assistência Social é dar um peixe a alguém, Serviço Social é ensinar-lhe a pescar. Capelania social é despoluir o rio para que nunca falem peixes para a pescaria." No que tange à Capelania Social, temos a filantropia e a beneficência que visam atender às necessidades imediatas dos seres humanos, como, por exemplo, a doação de um remédio e/ou um almoço, atendendo, emergencialmente, quem carece de auxílio. A sociedade pós-moderna enfatiza o egoísmo e o egocentrismo que fortalecem a mentalidade presente que confirma o dito popular "cada um por si e Deus por todos." Desse modo, o capelão social tem a difícil tarefa de mudar essa realidade, que vai além de doar o pão de cada dia. Iniciativas comunitárias, projetos assistenciais, cooperativas, entidades para-eclesiais que visam ao crescimento, restauração e recuperação do ser humano, são algumas das ações desenvolvidas por essa mediadora de benevolência. Sem contar que, em certos casos pode proporcionar educação, práticas esportivas e capacitação profissional através de convênios com a iniciativa privada que atendem os mais necessitados, com intuito de oferecer expectativas de mudança de vida para o ser humano. Dentro da dimensão sócio - transformadora é função da capelania social procurar soluções para as questões sociais, sendo que partir da conscientização e da mobilização das organizações se abrirão novos caminhos alternativos e, a cada momento e em cada local se faz

necessário iniciar um processo solidário em que o maior número de pessoas se envolva na busca de soluções concretas.

Nesse contexto, a Capelania social tem como finalidade concretizar em ações sociais e específicas, a solicitude da igreja voltadas às situações reais de marginalização. Em virtude disso, a igreja denominada Batista Independente (a qual pertença) desenvolve esse tipo de capelania, de forma esmerada, através da Federação das Entidades e Projetos Assistenciais³⁹, organizada em 1986 para agregar as entidades e projetos sociais ligados às igrejas da Convenção das Igrejas Batistas Independentes - CIBI. Atualmente conta com trinta e seis projetos federados ativos espalhados pelo país. Em parceria com a Interact e Tearfund desenvolve de forma continuada, permanente e planejada programas e projetos de assessoria técnica, administrativa, financeira e em defesa e garantia de direitos.

A FEPAS tem como missão promover a justiça do reino de Deus por meio da transformação social junto a comunidades que carecem de auxílio, prestando serviços de assessoria, capacitação técnica e apoio à captação de recursos, cujo objetivo principal é promover o aprimoramento de entidades sem fins lucrativos e ações sociais vinculadas a igrejas da CIBI.

Segue abaixo uma relação dos projetos nacionais de cunho social desenvolvido pela FEPAS:

Quadro 1 - Projetos sociais desenvolvidos pela FEPAS

Nº	LOCALIZAÇÃO	ENTIDADE FILIADA
1	Altamira/PA	Centro Educacional Batista Independente - CEBI
2	Benjamin Constant/AM	Centro Social Batista Independente
3	Blumenau/SC	Associação Beneficente Arnold Hadlich - Creche Pérola
4	Bom Jesus da Lapa/BA	Associação Beneficente Comunitária Filadélfia
5	Cachoeira do Sul/RS	Sociedade Beneficente União da Boa Vontade - UBV

³⁹ FEDERAÇÃO das Entidades e Projetos Assistenciais – FEPAS. Disponível em: <<http://fepas.org.br>>. Acesso: 23 out. 2015.

6	Cachoeira/BA	Centro de Ação Social e Desenvolvimento Comunitário -CASDC
7	Campina Grande/PB	Núcleo Educacional Betel
8	Campinas/SP	Associação Beneficente Direito de Ser
9	Campinas/SP	Associação Beneficente Semeando Esperança – ABESE
10	Cascavel/PR	Associação Beneficente Reviver - ABREVI
11	Caucaia/CE	Centro Social Bálsamo
12	Cruz das Almas/BA	Associação Beneficente da Igreja Batista Independente - ABIBI
13	Esteio/RS	Sociedade Beneficente Evangélica Betel
14	Fortaleza/CE	Centro Social Filadélfia - CESFIBI
15	Francisco Morato/SP	Associação Beneficente Batista Independente
16	Guanambi/BA	Sociedade Beneficente Mensageiros do Amor
17	Itaporanga/PB	Projeto Casa Dá Vida - Igreja Batista Independente Sertaneja
18	Jaboatão dos Guararapes/PE	Centro Social Beneficente
19	Mogi das Cruzes/SP	Associação Beneficente Arvore da Vida
20	Paulínia/SP	Fundação Neemias
21	Pelotas/RS	Centro Social Cultural Evangélico Betel - CESCEB
22	Pelotas/RS	Centro Social Filadélfia - CESFIL
23	Pindaí- Tanque/BA	Centro Social Beneficente Filadélfia - CESBEF
24	Riacho de Santana/BA	Associação Beneficente Filadélfia de Riacho de Santana
25	Rio de Janeiro/RJ	Educação para Vida - Igreja Batista Independente Saciar

26	Santa Rita/PB	Centro Social Evangélico Getsêmani
27	São Félix/BA	Associação Beneficente da 1ª Igreja Batista Independente - IEB
28	São Paulo/SP	Associação Beneficente Filadélfia - ABENFI
29	Xanxerê/SC	Associação Arne Johnsson
30	Macapá/AP	Projeto Acolher - IBI Arca da Aliança
31	Itacoatiara/AM	Projeto Amigos da Leitura - IBI Itaciatiara
32	Itacoatiara/AM	Projeto Curumim Cunhantã - IBI Ebenezer
33	Sorriso/MT	Projeto Hope - IBI Pedra Viva
34	Manaus/AM	Projeto Maior é Deus - IBI Monte Sião
35	Canoas/RS	Projeto Criança Vida Nova - IBI Vida Nova
36	Rio de Janeiro/RJ	Projeto Plantando Esperança - IBI Jardim Santa Cruz

A FEPAS visa a promoção humana. Através da assistência e do bem-estar social, contribuindo para a prevenção e solução de problemas sociais, sem a distinção de nacionalidade, condição social, raça, partido político ou credo religioso. A sua meta se identifica com a luta pela construção da cidadania e dignidade, como um direito de todos.

Além disso, a visão e execução de sua missão se afirmam e se fundamentam em princípios cristãos e humanísticos, tais como:

- O princípio de justiça, equidade e solidariedade como forma do relacionamento entre as pessoas;
- Recursos, poder e saber (economia, política, ciência) para bem de todos;
- A potencialidade humana para a autonomia e sua emancipação;
- A compaixão e o amor de Deus Revelado, pelo resgate e libertação integral do homem;
- Manifestação e realização da espiritualidade na dimensão do outro e em especial, em relação ao sofrido.
- A denúncia e o anúncio integrados entre teoria e prática como atitude profética.

A FEPAS através de seus diferentes níveis de atuação tem como objetivo contribuir na solução de problemas sociais de parte da população pobre do país, com perspectiva de melhorar a realidade social das pessoas atendidas, criando melhores condições de vida, levando-os ao exercício de sua cidadania. Em relação ao cumprimento da missão cristã integral é uma referência na articulação e implantação de projetos que visam à transformação social das comunidades onde atuam.

2.4 Capelania Prisional

De modo geral, as prisões brasileiras não têm obtido êxito em recuperar seus internos, mas a igreja quando alcança esse público pode realizar profundas transformações em nome de Deus. “Estava sem roupa, e me vestiram; estava doente, e cuidaram de mim. Estava na CADEIA, e foram me visitar [...]” (Mt 25.36). A “tribo” dos encarcerados agrega pessoas de todos os níveis religiosos, étnicos, profissionais, sociais. No entanto, todos carecem de cuidados espirituais e emocionais, por isso a Capelania, condutora do consolo que vem do alto aos que sofrem, busca compartilhar o amor de Deus aos que jazem em prisões.

O cárcere ou presídio nunca foi lugar prazeroso ou almejado. Lugar de dores que preserva atrás de suas fortalezas os mais tórridos e destrutivos tipos de pensamentos e maquinações. Desejos de vingança, ressentimentos, desamparo, injustiças, enganos e traições, vergonha, fracasso e muitas outras concepções são geradas nas prisões do mundo todo. As condições de carceragem, as desigualdades com outros detentos, a cessação da vida cotidiana, e o distanciamento da família e da sociedade contribuem para o desalento daqueles que estão pagando legalmente pelos seus erros. Levar consolo, amizade e principalmente lembrá-los que DEUS os ama incondicionalmente, são razões humanas e cristãs para o exercício da Capelania Prisional.

A Bíblia, documento inspirado pelo Criador, nos alerta para sermos compadecidos com os encarcerados: “lembrem-se dos que estão na prisão, como se aprisionados com eles; dos que estão sendo maltratados, como se fossem vocês mesmos que estivessem sofrendo no corpo” (Hb 13.3). Dessa forma, oferecer um exemplar da Bíblia Sagrada aos presidiários é de fundamental importância, visto que nos momentos de ociosidade tem sido o livro favorito deles. Além disso, eles

precisam de vida espiritual, confessional, recuperação da autoestima e sobretudo um real encontro com Cristo, o Libertador (Jo 8.32).

Segue abaixo o gráfico 1 que mostra a situação atual da carceragem brasileira:

Gráfico 1 – Realidade da Carceragem Brasileira⁴⁰

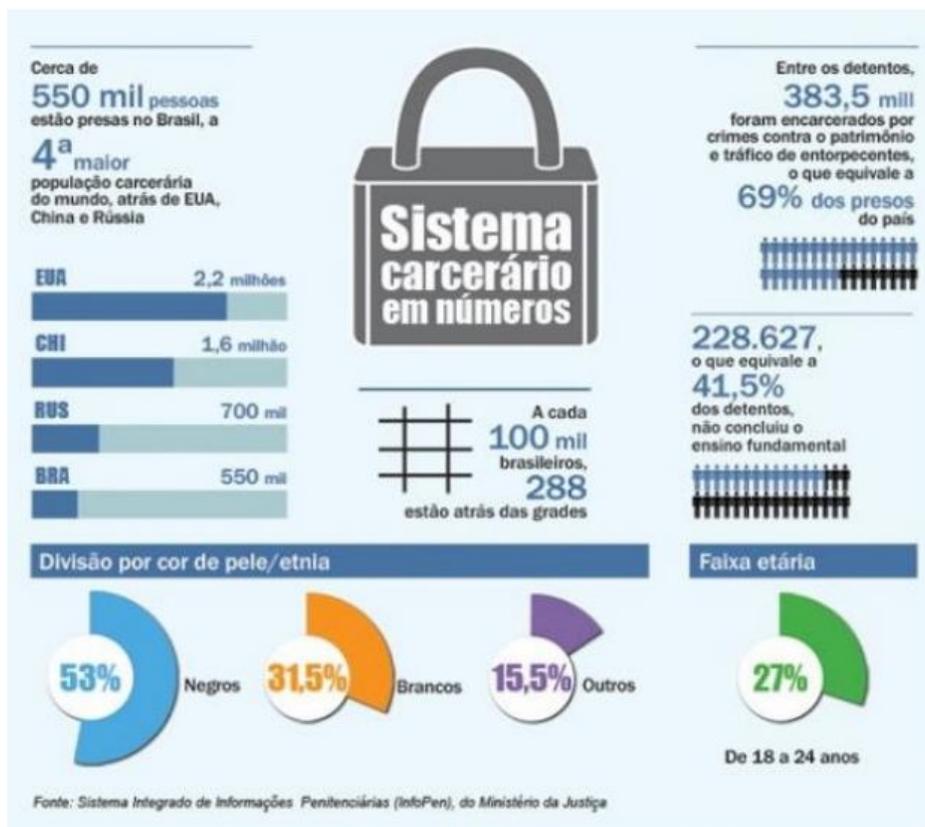


Gráfico Infopen

Diante dos dados obtidos a Capelania Prisional tem um papel fundamental no trabalho de ressocialização dos encarcerados. Em visita ao presídio Pascoal Ramos, localizado em Cuiabá – MT, o diretor do presídio nos declarou: “nós abrimos o presídio para a Capelania Prisional, pois vocês fazem um trabalho de recuperação que o próprio sistema prisional não é capaz de fazer e com uma ressalva: não tem custo algum para o governo.”

Deve-se entender que todo preso não está nestas condições por opção e por isso não devem ser esquecidos como um objeto que não possui mais uso. O

⁴⁰ REALIDADE da Carceragem Brasileira. Disponível em: <<http://justicagovbr/relatrio-do-infopen-2015>>. Acesso em: 23 out. 2015.

delinquente é condenado e preso por imposição da quebra de leis e pela sociedade, ao passo que recuperá-lo é um instrumento de ordem moral, do qual ninguém deve se escusar. A sociedade somente se sentirá protegida quando preso for recuperado.

“A prisão existe para castigo e não se pode parar de castigar.” Essa é a afirmação corrente, a qual deve ser repensada, pois os presidiários são pessoas que precisam ser reorientadas de modo social, moral e espiritual, e a Capelania Prisional tem a função de oferecer isso para eles, o que produzirá efeitos duradouros não só para o preso, mas para todos que vivem a sua volta, como sua família. A fim de obter a eficiência do seu trabalho, a ética e a postura cristã do capelão prisional precisam ser mantidas rigorosamente em relação aos presos e funcionários do presídio. Assim, deve ser desprovido de exageros, adotando uma postura de educação exemplar e comportamento adequado, ou seja, agir com moderação, organização e sabedoria, tão expressiva em Rm 12.1. Além disso, faz-se necessário o capelão prisional se submeter às normas do presídio sem manifestar rotinas com os presos e, principalmente, ter a flexibilidade quando ministrar culto e orientações aos detentos, visto que o local é propício à pregação do evangelho, um campo missionário, verdadeira seara de Cristo Jesus. Adentrando nos anais da história encontramos, entre muitos, João Wesley, ele exerceu o cargo de capelão prisional quando esteve na Geórgia (1735-1738), por nomeação do General Oglethorp. Antes, porém, de viajar para lá, desenvolveu esse ministério de forma voluntária junto a diversas prisões da Inglaterra, pois o colega, Willian Morgan, pioneiro do Clube Santo, já desenvolvia atividades religiosas junto aos presos, o qual, em 1730 não sem muitos esforços – introduziu João Wesley nesse tipo de missão. O local escolhido foi a Prisão do Castelo e a data, o dia 24 de agosto daquele ano, marco inicial do envolvimento de João Wesley com essa obra, denominada por Duncan A. Reily de “capelania não oficial.”⁴¹

Foi muito grande o envolvimento de Wesley com a Capelania Prisional: “Durante 9 meses, a partir de setembro de 1738, ele visitou e pregou nas cadeias de Londres, Bristol e Oxford não menos do que 69 vezes.”⁴² Os registros biográficos de Wesley, que incluem seu trabalho nas prisões, oferecem indicativos que

⁴¹ REILY, Duncan A. *Metodismo brasileiro e wesleyano: reflexões históricas sobre a autonomia*. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1981. p. 229.

⁴² REILY, 1981, p. 229.

demonstram ter ele exercido a Capelania Carcerária até o final de sua vida. Isto de maneira muito frequente e intensa, conforme verificamos no presente ensaio.

Embora, a legislação vigente na Inglaterra do Século XVIII punisse os criminosos de modo muito severo e desumano, inclusive com pena de morte, em alguns casos, a ocorrência de crimes naquele local era generalizada, pois os magistrados e o sistema penitenciário deixavam muito a desejar. Assim, a população carcerária superlotava as prisões. Então, a partir de sua primeira visita à Prisão do Castelo, em Oxford, Wesley se envolveu com a evangelização e apascentamento dos presos. A experiência pastoral que teve com o trabalho realizado junto a um réu condenado à morte marcou para sempre seu coração de pastor e evangelista.

Ainda que de forma panorâmica e resumida, o trabalho em questão visa identificar e analisar, os aspectos da Capelania Prisional desenvolvida por João Wesley e apontar em diversas áreas suas relevantes contribuições. Através das obras de misericórdia realizadas junto aos presos, de 1729 até o final de sua vida, Wesley enfatizou o papel social do Cristianismo, no entanto a sua influência social e sua obra ultrapassaram séculos e chegaram até aos dias de hoje.

Algumas das contribuições do trabalho desenvolvido por John Wesley como capelão Prisional foram delimitadas a partir das seguintes ações propostas:

- 1) A doutrina da graça oferecida a todos os pecadores, inclusive aos presos;
- 2) A crença de que o preso é recuperável;
- 3) A luta em prol da construção e manutenção de estabelecimentos de reclusão penal humanizados, possuidores do mínimo de conforto de que faz jus o preso em virtude da própria dignidade humana;
- 4) A luta em prol da contínua humanização das leis penais e de execução penal;
- 5) A evangelização do preso através de métodos adequados à sua situação de restrição da liberdade física, mas favoráveis à sua libertação e crescimento enquanto integrante do Reino de Deus;
- 6) A formação de pequenos grupos de discipulado cristão;
- 7) A capacitação de presos convertidos ao Evangelho e que tenham vocação para liderança, a fim de auxiliarem na condução dos serviços religiosos da sua instituição penal;

- 8) A oficialização dos serviços de Capelania Carcerária;
- 9) A construção de capelas nos espaços comunitários dos estabelecimentos de reclusão penal;
- 10) O credenciamento de capelães, inclusive através de concurso público ou nomeação pela autoridade competente;
- 11) O estabelecimento de coordenações locais, estaduais e nacionais da Capelania Carcerária, tendo por fim o fortalecimento da missão, a socialização dos recursos, a unidade programática, as reivindicações de apoio institucional, governamental e não governamental, inclusive das denominações cristãs;
- 12) A publicação de material evangelístico e de crescimento específico para os presos;
- 13) O oferecimento de oficinas de artes musicais e artísticas de um modo geral;
- 14) Um plano de assistência pastoral e social que contemple a individualidade do preso, incluindo sua preparação para o retorno ao convívio da família e da sociedade. Assim, um trabalho feito junto à família do preso, à sua futura Igreja e à sociedade que haverá de recebê-lo de volta (em geral a família do preso e a sociedade têm dificuldade de aceitar o egresso do sistema penitenciário);
- 15) Incluir no campo de atuação da Capelania Carcerária: a família do preso e a família da vítima;
- 16) Oferecer um programa especial de assistência espiritual e religiosa aos carcereiros, guardas penitenciários, policiais, diretores e outros funcionários dos estabelecimentos de reclusão penal;
- 17) Apresentação de relatórios às autoridades competentes, à sociedade em geral e às Igrejas a respeito das atividades desenvolvidas pela Capelania Carcerária;
- 18) Articular junto aos entes competentes a realização de trabalhos preventivos principalmente junto às crianças, adolescentes e jovens tendo por objetivo o seu não envolvimento com os caminhos da criminalidade.

Trata-se de um trabalho que visa convencer que o crime não compensa, sob nenhuma hipótese;

- 19) Oportunizar aos detentos e presos o conhecimento da Bíblia e na medida do possível, providenciar para que cada um possua seu próprio exemplar.

Dessa forma, a dedicação pessoal de João Wesley à causa dos presos, além de harmonizar-se com seu discurso, é um exemplo possuidor daquela força carismática que penetra até os porões sub-humanos e imundos dos mais inóspitos presídios do mundo. Ali tal força se transforma em luz, de modo sobrenatural, que ilumina as consciências, aquece os corações e faz ressurgir a esperança, a paz, o amor, a fé, a alegria, a vida!

2.4.1 Projeto de Lei sobre Capelania⁴³

O fato de não haver nenhuma lei ou órgão que garanta o direito penitenciário em relação à assistência religiosa foi determinante para que o deputado federal Sóstenes Cavalcante (PSD-RJ) apresentasse um projeto de lei para regulamentar a prestação de assistência religiosa em unidades prisionais.

Além disso, Cavalcante lembrou que a Constituição de 1988 assegura a prestação de assistência religiosa nas entidades civis e militares de internação coletiva, e que a Lei nº 9982/2000, garante a prestação de assistência religiosa nas entidades hospitalares públicas e privadas, e em estabelecimentos prisionais civis e militares. Mas destaca que é importante ter normas que garantam esse serviço aos presos em todo o país.

Segundo Cavalcante, há vários pontos de divergência estadual que envolvem o trabalho do capelão, entre eles a questão do número máximo de agentes religiosos que podem se cadastrar em cada unidade prisional. O coerente é levar em consideração a quantidade de detidos que já optou por ser atendido por determinado segmento religioso, o quantitativo da população carcerária em geral e a necessidade de particularizar a assistência prestada. “Nossa proposta ainda encontra amparo na conjugação das normas estaduais e na perspectiva de implantar uma capelania cada vez mais abrangente”, explica Cavalcante.

⁴³ PROJETO Regulamenta a Capelania em todo Brasil. Disponível em: <<http://www.cpadnews.com.br/universo-cristao/30671/projeto-regulamenta-a-capelania-em-todo-brasil.html>>. Acesso em: 28 out. 2015.

O Projeto de Lei nº 2979/15 foi inspirado no livro Deus na prisão: uma análise jurídica, sociológica e teológica da capelania prisional, publicado em 2013 pela Editora Betel. A obra foi escrita por Antônio Carlos da Rosa Silva Junior.⁴⁴

2.5 Capelania Escolar

A Capelania Escolar é um serviço de apoio espiritual, centrado nos princípios da Bíblia, comprometida com a formação integral do ser humano no resgate dos valores construtivos, transmitindo palavra de orientação e encorajamento às pessoas em momentos especiais ou de crise. Garantida por lei em entidades civis e militares, como dispositivo previsto na Constituição Brasileira. É a modalidade de capelania voltada para a ação pastoral dentro das escolas ou instituições de ensino (creches, educação infantil, ensino fundamental, ensino médio, cursinhos, EJA e universidades).

Ações mais comuns desempenhadas no ambiente escolar pela capelania são:

- 1) Cultos com alunos;
- 2) Aulas de ensino religioso ou educação cristã;
- 3) Aconselhamento pastoral;
- 4) Presença nos velórios e sepultamentos;
- 5) Cultos especiais, devocionais setoriais e nas formaturas;
- 6) Visitação a enfermos em hospitais e nos lares;
- 7) Avaliação de material didático;
- 8) Distribuição de literatura confessional;
- 9) Palestras que ofereçam assuntos relevantes com orientação bíblica envolvendo alunos, pais e professores.
- 10) Incentivo e acompanhamento de grupos de oração e devocionais de alunos e de funcionários.
- 11) Assistência social e o incentivo aos trabalhos voluntários e filantrópicos

⁴⁴ Bacharel em Direito, Especialista em Ciências Penais e Mestre e Doutorando em Ciência da Religião, o primeiro e os dois últimos junto à Universidade Federal de Juiz de Fora. “Antônio Carlos é o ‘autor intelectual’ deste projeto”.

Em um ambiente onde o indivíduo está em constante aprendizado e crescimento intelectual, a presença da Capelania Escolar procura dirimir as faltas que se faz nos lares de uma orientação espiritual adequada. Não obstante esta necessidade, o público estudante mesmo com alguma orientação ou educação espiritual em seus lares, tende a ser influenciado facilmente por exemplos irresponsáveis e desinteressados de um futuro mais promissor. A livre descoberta e exploração da sexualidade e a diversidade de pensamentos que são atualmente permitidos e valorizados no entorno escolar é uma possibilidade tanto de exercer escolhas certas quanto erradas. É nesse sentido que crianças, adolescentes e jovens se sentem muitas vezes confusos, desmotivados ou a caminho de uma crise existencial. “É a fé se concretizando no dia a dia da escola através de atos solidários, na presença amiga quando se enfrenta dores da alma e no levar a mensagem de Cristo.”⁴⁵

Em função disso, nunca houve tanta necessidade de ação pastoral nas escolas, por meio da Capelania, como nos dias de hoje. Todo o tempo disponível é pouco para atender os que carecem de apoio espiritual. Tanto por causa das vicissitudes da vida moderna que abalaram os princípios da moral, da família e consequentemente da sociedade, como devido à complexidade da vida e da própria escola.

Entretanto aqueles que deveriam ser seus maiores influenciadores, os educadores, estão se distanciando cada vez mais de uma relação da fé com os alunos, permitindo assim que eles sejam mais individualistas e céticos. Além disso, o desafio aumenta, diante das críticas que se fazem às instituições de ensino e a grupos religiosos, os quais na mídia muitas vezes revelam escândalos e falta de seriedade.

Apesar disso, a presença da capelania no entorno escolar para fortalecer e propagar os valores reais da fé se torna extremamente essencial para confrontar e, ao mesmo tempo, esclarecer para os estudantes que há um caminho de uma espiritualidade sadia e que pode contribuir de fato para seu desenvolvimento pessoal e existencial.

O público-alvo da Capelania Escolar é variado, composto por parte dos alunos e seus familiares, ou responsáveis diretos, e colaboradores do corpo docente

⁴⁵ VIEIRA, Walmir. *Capelania Escolar Batista*. As práticas pastorais desenvolvidas pela capelania dos Colégios Batistas. São Bernardo do Campo: UMESP, 2009.

e administrativo, ou ainda, todos os que se envolvem ou são envolvidos no processo educativo e que estejam passando por conflitos nas esferas pessoal e familiar.⁴⁶

A Capelania Escolar evidenciou-se, principalmente, em muitas das escolas confessionais evangélicas do Brasil. Essas escolas foram organizadas no século XIX e sua principal finalidade era a evangelizar. Para isso eram necessárias a alfabetização e a educação do povo. Entre os batistas, presbiterianos e metodistas, surgiram os grandes colégios, fundados por missionários norte-americanos que vieram para o Brasil. Paralelamente ao trabalho educativo, os pastores realizavam o aconselhamento pastoral e a evangelização, ensaiando os primeiros modelos de capelania escolar.⁴⁷

A capelania tem seus princípios fundamentados em uma confissão de fé e com isso pode definir, à luz dessa confissão, o que julga ser os seus valores, determinando sua ética diante de tantas cosmovisões de uma sociedade pós-moderna, repleta de valores relativos. Somente, assim a confessionalidade conduzirá a uma escola ética, cidadã, levando a valorização da espiritualidade saudável, que adota princípios de fé e esperança, sem doutrinação ou proselitismo.⁴⁸

A seguir, o depoimento de uma diretora ao pastor que presta serviço de capelania escolar em sua comunidade:

“Olá Pastor, tudo bem? [...] Pastor, em primeiro lugar quero agradecer em meu nome e em nome da minha comunidade escolar imensamente o senhor por ter escolhido nossa escola para desenvolver esse maravilhoso trabalho.

Estive conversando com meus professores, funcionárias, alguns pais e com minha Orientadora professora Márcia a qual está acompanhando o senhor mais de perto neste trabalho e chegamos a seguinte conclusão: Que o senhor foi iluminado e muito corajoso de propor e assumir um trabalho de tamanha importância para a escola e comunidade.

Apesar de fazer pouco tempo que esse projeto vem sendo desenvolvido, já podemos observar o quanto ele é bom e positivo. Podemos sentir nos alunos que estão sendo atendidos uma visível diferença.

- 1) O aluno se sente mais valorizado;
- 2) aumenta sua autoestima;
- 3) consegue pensar mais em suas atitudes;
- 4) participa mais das aulas;
- 5) diminuíram suas faltas;

⁴⁶ VIEIRA, 2009.

⁴⁷ FERREIRA, Damy. *Capelania escolar evangélica*. São Paulo: Rádio Trans Mundial, 2008.

⁴⁸ VIEIRA, 2009.

- 6) professores comentando a melhora dos alunos;
- 7) famílias buscando e recebendo ajuda;
- 8) mães mais esperançosas;
- 9) direção, alguns professores e funcionários orando pelos alunos e pais.

Na verdade não há palavras para dizer tamanha importância desse magnífico projeto, que Deus possa continuar iluminando essa caminhada e nos abrindo caminhos para podermos ir junto com o Pastor trabalhar para o bem comum desses queridos alunos e comunidade.

Um abraço para toda sua família”.

Maria de Lourdes Lírio (diretora).⁴⁹

Segundo a ABIEE⁵⁰, que agrega associações de escolas adventistas, presbiterianas, metodistas, batistas e luteranas, cerca de 60% dos alunos matriculados em suas escolas não pertencem a nenhuma igreja evangélica. Contudo, as famílias desses alunos, algumas conscientes e outras não, estão procurando ajuda para solucionar problemas relacionados à educação de seus filhos os quais não conseguem resolver sozinhas, num tempo de tantas complexidades e crises. O objetivo disciplinar da capelania escolar não é disciplinar, mas direcionar e orientar para prevenir.

Em função do contexto atual, onde se impera a busca pelo prazer, pelo dinheiro em detrimento dos valores éticos e morais eternos que são externados por Deus, se faz necessária uma atenção especial sobre a dura tarefa de qualquer escola, sobretudo nas atividades desenvolvidas de âmbito espiritual.

Assim, a melhor forma para se evitar o caos é a prevenção, então o capelão escolar deve prezar por este princípio e fazer dele um norte para realização do seu trabalho junto às escolas, sempre buscando os melhores métodos para trabalhar com as mentes jovens em formação e profundamente afetadas principalmente pelas influências negativas do mundo.

2.6 Capelania Ecológica

O vocábulo *eco* deriva do grego *oikos*, que significa lugar onde se vive, com o sentido de casa, ambiente. *Logos* significa estudo, ciência, tratado. No sentido literal, ecologia seria o estudo dos seres vivos em sua casa, no seu ambiente. Ou

⁴⁹ EMEF JOÃO ALFREDO CORRÊA PINTO. Disponível em: <<http://www.joaoalfredopinto.blogspot.com.br>>. Acesso em: 28 out. 2015.

⁵⁰ ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE INTITUIÇÕES EVANGELICAS EDUCACIONAIS – ABIEE. Relatório para os Associados, dezembro de 2007.

ainda, a ciência que estuda as relações dos seres vivos com o meio ambiente. Assim, o estudo do “ambiente da casa” inclui todos os organismos contidos nela e todos os processos funcionais que a tornam habitável. Enfim, a ecologia é o estudo do “lugar onde se vive”, com ênfase sobre “a totalidade ou padrão de relações entre os organismos e o seu ambiente”. Com a criação da ciência ecologia, surgiram os termos ecólogos e ecologistas. Este identifica os militantes de organizações em defesa do meio ambiente, enquanto que ecólogo é o profissional – pesquisador e cientista – que tem formação e trabalha no campo da ecologia.

Foi o cientista alemão Ernst Haeckel quem primeiro usou este termo para designar o estudo das relações entre os seres vivos e o ambiente em que vivem, além da distribuição e abundância dos seres vivos no planeta Terra, passando a existir como ramo das ciências da natureza.⁵¹ Antes disso, muitos estudiosos tinham contribuído para o assunto, apesar de a palavra “ecologia” não estar em uso.

Em princípio, a ecologia considerava as espécies individualmente (ecologia da araucária, ecologia do peixe-boi...), o que deu origem a autoecologia. Hoje, a autoecologia é a parte da ecologia que estuda as respostas das espécies aos fatores ambientais, em função de suas fisiologias e respectivas adaptações. Posteriormente, os ecólogos perceberam a importância das relações entre as diversas espécies, surgindo a sinecologia. Esta passou a ser a parte da ecologia que estuda as interações entre diferentes espécies que ocupam um mesmo ambiente, como estas se inter-relacionam e de que maneira interagem com o meio ambiente. A ecologia como um campo da ciência distinto e reconhecido data de cerca de 1900, mas somente nas últimas décadas a palavra se tornou parte do vocabulário geral.

Na atualidade, a ecologia está dividida em duas grandes concepções: ecologia superficial (ambientalista ou antropocêntrica) e ecologia profunda (biocêntrica ou ecocêntrica). Ecologia superficial – concepção ecológica que toma o bem-estar do próprio ser humano como razão justificadora da defesa e da preservação do meio natural. A defesa do ambiente é uma necessidade para assegurar que o ser humano continue a desfrutar dos prazeres da natureza. Ecologia profunda – concepção ecológica que defende que a integridade da biosfera e da biodiversidade deve ser preservada unicamente por si mesma, pelo seu valor

⁵¹ HAECKEL, Ernst. *Generelle Morphologie der Organismen*. Georg Reimer. Universidade de Michigan, 1866. p. 574.

intrínseco, pois todas as espécies vivas que existem na face da Terra devem ser preservadas e defendidas.

Segundo Lopes, o que a religião, especificamente o cristianismo, tem a ver com ecologia, meio ambiente? Duas coisas devem ser observadas:

1) O Cristianismo reformado tem sido apontado como o responsável pela crise ecológica do nosso planeta. Lynn White Jr., escreveu um artigo em 1967, “As raízes históricas da nossa crise ecológica”, onde coloca a responsabilidade da exaustão dos recursos naturais nas portas do Cristianismo evangélico e reformado. Segundo ele, foi a visão de mundo propalada pelo Cristianismo pós Iluminista na Europa que liberou o homem dos últimos escrúpulos com relação ao meio-ambiente. Segundo Lynn, a crença de que o mundo foi criado por Deus para o homem, e que o homem é a coroa da criação, acabou por fornecer a ideologia necessária para o surgimento da tecnologia e com ela, a exploração indiscriminada e irracional da natureza. A isso respondemos que o mesmo Cristianismo ensina que o homem é responsável diante de Deus pelo uso racional e correto do mundo e da criação, pois é o mordomo de Deus dos bens criados por ele. Mas numa coisa Lynn está correto: ele viu claramente a relação entre ecologia e religião. Mais recentemente, mais e mais vezes, mesmo sem ser religiosas, se levantam para dizer que sem religião não poderá haver uma mudança de mentalidade nas pessoas em relação à natureza.

2) Acredito que a fé cristã-reformada, como cosmovisão, provê os fundamentos epistemológicos, morais, espirituais e éticos para que possamos lutar pelo meio ambiente e em prol do nosso planeta, fazendo ecologia de forma coerente e integral:

a) Primeiro, *o fundamento da existência real do mundo*. Ele existe – não é uma projeção de nossa mente. “No princípio, criou Deus os céus e a terra” (Gn 1.1). Assim começa a Bíblia, com essa declaração fundamental para a perspectiva cristã. O princípio básico da religião cristã é que há um Deus que existe por si mesmo, desde a eternidade, e que criou o mundo de maneira objetiva e concreta. A natureza, o mundo que nos cerca, é real. O mundo existe objetivamente, fora de nós. Não é uma extensão de nossa imaginação.

b) O segundo fundamento é que *o mundo foi criado bom*. “E Deus viu que era bom” é o veredito do Criador sobre a natureza. A Criação foi declarada boa não somente porque foi criada perfeita, mas porque era boa para o homem que foi feito para nela habitar. Isso difere da visão do dualismo oriental entre matéria e espírito, que equiparava a matéria à desordem. Nessa visão pagã, a matéria é má, é pecaminosa. Nem religiões dualistas e nem formas de Cristianismo que separam natureza e graça podem nos dar alguma esperança com relação a achar soluções para nossos problemas ambientais.

c) Um terceiro fundamento importante é que o mundo funciona de acordo com leis e *princípios estabelecidos por Deus*. A convicção fundamental da ciência é que o mundo funciona de acordo com leis e princípios regulares e constantes e, portanto, previsíveis. No mundo as coisas ocorrem de maneira confiável e regular. Essa base é dádiva da visão cristã de que o mundo foi criado por um único Deus, um Deus de ordem, de forma ordenada, coerente e unificada, e não por vários deuses ambíguos, contraditórios, incoerentes e caprichosos, a partir da matéria caótica, como acreditavam algumas religiões orientais. Foram cientistas com essas convicções acima, no todo ou em parte, que lançaram as bases da moderna ciência e da tecnologia, como os astrônomos Kepler e Galileu, os químicos Paracelso e Van Helmont, os físicos Newton e Boyle e os biólogos Ray, Lineu e Cuvier, para citar alguns. Somente dessa forma podemos entender

o funcionamento do meio-ambiente, do mundo e seus recursos, perceber os desastres que estamos causando por violarmos essas leis e prever soluções.

d) Um outro princípio igualmente importante é que *o homem é distinto da natureza*. De acordo com o Cristianismo evangélico, o homem foi criado por Deus e distinto da natureza, pois foi feito à imagem e semelhança de Deus. O homem foi dotado de inteligência, ao ser criado à imagem e semelhança de Deus e, portanto, pode interpretar as leis do mundo e prover os meios de preservá-lo. No panteísmo, o homem, a natureza e Deus fazem parte da mesma realidade, o que torna impossível ao homem transcender a natureza para poder analisá-la, dominá-la e ajudá-la. Deus colocou o homem no mundo como mordomo, gerente, da criação como um todo, e lhe deu alguns mandatos: cuidar da criação, de onde tiraria seu sustento, protegê-la e preservá-la, conhecê-la, estudá-la, para assim conhecer melhor a si mesmo e a Deus. O homem é o mordomo de Deus. Não é o soberano senhor, dono e déspota, mas responsável diante de Deus pelo emprego correto dos recursos naturais e pela preservação das demais espécies.

e) E por fim, *vivemos num mundo afetado pelo pecado*. De acordo com a Bíblia, quando o homem colocado no jardim se revoltou contra ele, Deus amaldiçoou a terra: “Maldita é a terra por tua causa”. E condenou o homem à morrer, a retornar ao pó de onde fora tirado. Um grande abismo se estabeleceu entre Deus e o homem, entre o homem e seus semelhantes, e entre o homem e a natureza. A crise que vivemos hoje se deve a estes abismos.

Separado de Deus, o homem perdeu a referência da sua existência e se tornou confuso, perdido, vazio, sem respostas.

Separado dos seus semelhantes, dedica-se a buscar seus próprios interesses, mesmo que à custa do próximo: daí surge a criminalidade, a opressão do próximo, a violência de todos os tipos.

Separado da natureza, o homem a explora, esgota, exaure, destrói, em nome de sua sobrevivência, em nome do poder, da supremacia da raça humana sobre as outras espécies.

Por esse motivo, a perspectiva cristã-reformada vê os problemas ambientais como sendo fundamentalmente de origem histórica moral e espiritual. E vê que a solução passa pela transformação interior das pessoas, uma mudança de mentalidade com relação a Deus, ao próximo e à natureza. Em suma, é esse o apelo e o chamado do Evangelho.⁵²

Dessa forma, a Capelania Ecológica visa desenvolver uma atividade cuja missão é colaborar na formação integral do ser humano, oferecendo oportunidades de conhecimento, reflexão, desenvolvimento e aplicação dos valores e princípios ético-cristãos e da revelação de Deus para o exercício saudável da cidadania. Esse programa preconiza a missão de cuidar do ser humano e prover apoio a ele em situação e comportamento de risco. Sua atuação, portanto, é ampla e está imersa nas grandes demandas produzidas pela sociedade moderna. Seu objetivo é gerar um impacto que desperte a consciência e motive a todos os seres humanos a desenvolver ações que interajam explicitamente com o nosso meio ambiente.

⁵² LOPES, Augusto Nicodemos G, Chanceler da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Um dos conceitos que a Capelania ecológica se baseia é o “ecologicamente correto” que tem se tornado rotina em muitas empresas, visto que o mercado atual exige das empresas uma postura sustentável para preservar o meio ambiente e conseqüentemente economizar os recursos naturais do planeta. Ações como essas têm trazido muitos benefícios ao meio ambiente e isso colaborou para que muitos clientes optassem por produtos ou serviços ofertados por essas empresas. Cabe salientar que tal conceito também está relacionado à diminuição dos custos financeiros e ao interesse de manter um contato mais próximo com os vizinhos, certamente, esses fatores resultam em menos estresse e um estilo de vida com mais sentido e realização.

É urgente recuperar uma visão mais holística da natureza e uma relação mais empática com os seres vivos. Para isso é necessário redescobrir a atitude do cuidado, esquecida devido à supremacia da ação do trabalho desenvolvida pela modernidade capitalista. O trabalho aponta para a atitude de intervenção e transformação da natureza pela força e pelo engenho humano. Ao invés disso, a crise ecológica aponta para a necessidade de mudar o modo do ser humano relacionar-se com a natureza. A racionalidade instrumental da ciência moderna reduziu a natureza a recursos disponíveis em benefício da humanidade. A falta de uma visão sistêmica das interconexões da natureza provocou a crise ambiental que repercutiu negativamente sobre o próprio ser humano.

A dimensão do cuidado desenvolve a atitude do respeito e da contemplação da natureza. Pelo trabalho o ser humano domina a natureza, quer tirar proveito ou beneficiar-se dela. Pelo cuidado, ele a admira, quer aprender da sua sabedoria.

No entanto, a questão está no fato dos habitantes deste planeta pensar e agir em relação aos problemas ambientais gerados pelos homens em meio a um desenvolvimento sem sustentabilidade. Para Harris, projetos de educação ambiental em parceria com as igrejas, com base no capítulo doze da carta do apóstolo Paulo aos cidadãos romanos, podem propiciar a transformação de nossas mentes. Então seremos, como cristãos, capazes de discernir a perfeita vontade de Deus.⁵³

Todas as atividades que o ser humano realiza provoca uma reação no planeta. A produção de bens e serviços que são absorvidos de maneira rápida e superficial retira do meio ambiente uma série de elementos e devolve uma série de

⁵³ HARRIS, P. *A Rocha: uma comunidade evangélica lutando pela conservação do meio ambiente*. São Paulo: ABU, 2001.

outros destrutivos, na maioria abrasivos. O ideal seria o equilíbrio desta equação, ou seja, consumir e assimilar os resíduos gerados numa proporção necessária.

Cada pessoa, cidade ou região pode definir a qualidade de vida e a sustentabilidade do local. A extração desregulada, a alta produção de lixo, a ausência de reaproveitamento de resíduos ou qualquer falta de cuidado com os recursos naturais podem desequilibrar o meio ambiente e talvez, de maneira definitiva. Por isso, a importância de medir essa intensidade e buscar novos hábitos para alcançar uma positiva mudança.

Em meio a essas situações, a Capelania Ecológica visa propagar ações que despertem a conscientização ecológica, pois através destas nascerá interesse maior pela questão. Uma vez gerada esta conscientização, haverá ações que despertarão a todos que vivem e dependem deste planeta azul. Este planeta não é um bem de consumo, ele é a plataforma que sustenta todos e, por isso, deve haver esforços integrados que não só busquem uma vida digna ao ser humano, mas também tire do perigo a falência da nossa “casa”.

Não são raras as notícias de rios e lagoas que secam, peixes que morrem devido aos dejetos industriais. Estiagem, devastação de florestas e, poluição do ar geram problemas pulmonares, entre tantos outros sinais que revelam a destruição maciça do ecossistema. Desse modo, a Capelania Ecológica, não conhecida ainda, nasceu para atender esta demanda. Seus capelães têm o ofício de criar ações que despertem a humanidade e os impeça de destruir ou aniquilar definitivamente esta “casa” como já se vê em muitos lugares, onde há locais inabitáveis, devido à falta de consciência dos seus moradores.

O capelão ecológico deve propagar o cuidado com a natureza e fazer isto através de ferramentas como cursos, seminários, campanhas, debates, teatros, música, adesivos, camisetas. Enfim, tudo que for necessário para despertar e mudar a mentalidade de como deve tratar e conviver em nossa casa. Somente assim todos poderão garantir não somente o futuro, mas seu presente também.

3 IMPLANTAÇÃO DA CAPELANIA

O serviço de capelania tem o compromisso de atender os necessitados de forma integral. Sendo assim, sua implantação deverá ocorrer dentro dos parâmetros propostos pela modalidade a ser desenvolvida na comunidade. Em uma cidade urbana com altos índices de problemas sociais, desajustes familiares, desemprego, etc., com dificuldades de implantação de políticas públicas que favoreçam nossas crianças e adolescentes e atendam cidadãos adultos e pais, faz-se necessário a implantação de projetos socioculturais de parcerias entre o poder público e a iniciativa privada ou filantrópica. O progresso dos conflitos familiares e interpessoais, lares desajustados, violências sociais, domésticas e familiares, um verdadeiro caos que não encontra alguém especializado ou preparado para ouvir, acolher, cuidar e direcionar para alvos que lhes tragam esperança e motivação de reverter o processo decadente das relações humanas.

Diante deste quadro, há uma necessidade de implantação do trabalho de Capelania, que consiste numa modalidade humanitária de apoio familiar aos necessitados e carentes. O projeto não visa trabalhar com categorias científicas (psicologia, psicoterapia, etc.), mas seu principal enfoque é a solidariedade humana (aproximação dos aflitos), apoio mútuo (ajuda material aos mais necessitados) e a promoção da verdadeira humanidade (orientação para a vida), além do incentivo à espiritualidade saudável cristã.

A Capelania é um instrumento voluntário de aconselhamento e suporte, implantado na comunidade onde atua, alicerçado nos princípios bíblicos da fé cristã, que colabora na formação intelectual, espiritual e social de todos os membros inseridos nesse contexto.

Enato, com o propósito de oferecer auxílio e redirecionar a vida dos mais carentes e necessitados, necessário, que a Capelania, estabeleça em seu projeto de implantação os seguintes parâmetros.

3.1 Princípios e Valores

- Verdades das Escrituras Sagradas;
- Ética;
- Solidariedade;

- Transparência;
- Amor;
- Justiça Social;
- Respeito.

3.1.1 Subvenção

Mesmo sendo um trabalho de cunho voluntário, é importante ressaltar que o mesmo irá gerar ônus. Sendo assim, a fim de custear as necessidades do serviço de Capelania, esta não estará isenta de receber ajuda financeira de pessoas físicas ou jurídicas, ou qualquer outro tipo de auxílio. Geralmente, os recursos necessários para o real funcionamento desse projeto são os seguintes: um carro ou mais, combustível (gasolina), blocos de anotação, cadernos, canetas, pastas para cadernos, crachás, uniformes, fichas de anotação, computador, impressora, linha telefônica, armários, mesas com cadeiras, sala para a sede do projeto, etc.

Esta subvenção e semoventes deverão ser providenciados na implantação da Capelania, para que desta forma a mesma funcione com suas necessidades básicas supridas. Conforme a modalidade da capelania a ser instaurada, deverá também buscar materiais como apostilas, portfólios, folders e livros que informem todo o funcionamento do projeto para a comunidade.

3.1.2 Coordenação do Projeto de Implantação

A coordenação de implantação do projeto de capelania ficará a cargo do capelão destinado àquela modalidade. Os capelães designados cuidarão do bom andamento do trabalho, da designação dos campos e mudanças dos mesmos, captação de fundos para o projeto, estabelecimento dos contatos com entidades jurídicas ou até pessoas físicas para a formalização dos convênios.

Caberá ao capelão-coordenador do projeto reunir-se semanalmente em local próprio e hora marcada com os voluntários e também outros capelães para o estudo de casos, planejamentos e readaptação da programação de capelania. O capelão-coordenador deverá ter um livro de registro de área e distribuição de trabalhos para catalogar todos os itens necessários ao acompanhamento do trabalho de cada capelão, esse serviço ocorre de forma voluntária na comunidade ou seguimento onde está sendo realizado a capelania, a fim de elaborar um relatório do projeto.

3.1.3 Áreas de atuação

A implantação da Capelania só poderá ser executada em comunidades que prontamente aceitem o convênio com a gerência do mesmo. O convênio só poderá ser feito mediante o conhecimento prévio da natureza e funcionamento do projeto. O capelão coordenador é a pessoa responsável por coordenar toda a viabilidade do convênio, fornecendo à direção da comunidade ou da entidade onde será implantado a capelania, cópias do projeto. Neste apresenta-se a filosofia do trabalho e tiram as dúvidas. O convênio poderá ser feito por um período determinado pelo seguimento onde está sendo implantado ou pelo capelão-coordenador do projeto.

3.1.4 Deveres do seguimento ou Comunidade com a Capelania

- a) Permitir a livre entrada dos capelães e, ou, voluntário do projeto no estabelecimento onde o projeto está sendo implantado;
- b) Permitir o diálogo entre capelães e todos que estão sendo atendidos pela capelania;
- c) Acesso dos capelães em todas as áreas que houver necessidade de prestar assistência pela capelania;
- d) Conceder autorização para os capelães representarem o nome da comunidade ou seguimento durante as visitas às famílias daqueles que estão sendo atendidos pelo projeto;
- e) Providenciar instalações para a realização de eventos da capelania;
- f) Fornecer ofícios solicitando à prefeitura ou ao estado meios de transporte para os eventos de recreação da capelania;
- g) Fornecer informações sobre os mais necessitados dos serviços de capelania;
- h) Ajudar no que for possível para um bom desempenho do projeto na comunidade e ou/ seguimento onde está estabelecido o projeto de capelania.

3.1.5 Deveres da Capelania

Oferecer todos os serviços de capelania previstos em todos os itens do projeto.

3.2 A postura ética da Capelania com o projeto

3.2.1 O capelão e o relacionamento pessoal e interpessoal

O trabalho de capelania consiste em muita comunicação e interação pessoal entre pessoas do mesmo sexo ou sexos opostos. Inevitavelmente, poderá haver um interesse maior na relação pessoal que não pertença à área de capelania. Esta possibilidade é vista pelo projeto como danosa aos objetivos propostos pelo mesmo e é considerada uma prática reprovável e tida como um problema para o projeto. O capelão deverá ser uma pessoa imune a este tipo de problema, procurando policiarse, do contrário se sujeita a ser demitido do projeto.

3.2.2 O capelão e o trabalho de outro colega

O serviço de capelania pode ser realizado por um ou mais capelães em uma mesma comunidade ou seguimento. Não será permitida a interferência de um capelão nos trabalhos do outro. Nenhum membro da família daquele que recebe atendimento poderá ser perturbado por orientações divergentes de capelães que discordam entre si.

Caso dois capelães estejam em uma mesma comunidade ou seguimento, deverão trabalhar conjuntamente em todas as áreas de trabalho que estão desenvolvendo, sem demonstrar divergência de procedimentos. Caso contrário, estarão sujeitos a serem transferidos de campo por parte do capelão coordenador.

3.2.3 O sigilo do Capelão

A capelania é um serviço muito mais voltado a ouvir as pessoas em suas angústias, nas suas aflições, nas suas crises existenciais e, muitas vezes, nas suas confissões. O Capelão deve ser a pessoa capaz para guardar sigilo de todas as relações estabelecidas com o necessitado e sua família. O projeto não permite e nem admite capelães que tratem das questões de capelania com outras pessoas

não capelães. O sigilo por parte do capelão é a sua credencial mais poderosa para o êxito do projeto. Todo capelão que der provas de quebra de sigilo da capelania será desligado do projeto.

3.3 O perfil do capelão de cada modalidade de Capelania

3.3.1 A figura do Capelão ante sua modalidade de Capelania

O capelão é aquela pessoa de maior idade, de ambos os sexos, com perspectivas voltadas para a fraternidade cristã, e à humanização. Para implantação do projeto, os capelães deverão ser casados ou solteiros, alunos e/ou graduados principalmente em teologia, uma vez que o propósito primário é o suporte espiritual. Essa formação pode se estender também para outras graduações como Direito, Serviço Social, Psicologia, Pedagogia, com experiência em relações pessoais (já trabalham com igrejas e grupos religiosos).

3.3.2 Vocação

A vocação do capelão é considerada para a implantação da capelania como um ponto fundamental para o êxito do trabalho. O capelão deverá ser aquela pessoa que sinta prazer em ajudar a aliviar o sofrimento do próximo. Para isto, todo capelão deverá sentir o desejo pela visitaçã, conversaçã e interaçã humana. Ele é aquela pessoa que não se sente incomodada por ser procurada, nem desconfortável em ter que se relacionar com pessoas que nunca viu. Seu maior desejo é conseguir chegar perto dos aflitos, adquirir sua confiança e ser-lhe um ajudador.

A satisfação e a alegria que o capelão demonstra ao realizar sua tarefa é uma das credenciais mais importantes de sua vocaçã. Outro fator que referenda a vocaçã do capelão é seu dinamismo e sua curiosidade. O capelão deve ser aquela pessoa criativa, empolgada que sempre tem novas ideias e sempre está em busca de realizar algo novo no seu trabalho. Para isto, ele estuda, investiga, pensa, consulta e tenta colocar em prática novas modalidades de serviços de capelania.

O capelão sempre está interessado em saber dos problemas, em fazer novas amizades, em conhecer as variadas situações nas quais as pessoas se encontram e não descansar enquanto não encontrar uma forma de lhes ajudar. Na

implantação da capelania, deve-se avaliar todas estas credenciais naqueles que vão fazer parte do mesmo.

3.3.3 Formação

Para a implantação da capelania se faz necessário somente pessoas com formação em teologia primariamente. Algumas outras formações das ciências humanas podem ser agregadas ao exercício da capelania, a saber: Direito, Serviço Social, Psicologia, e Pedagogia, estes devem, necessariamente, pertencer a uma ordem religiosa. Devem ser pessoas que gostem da leitura de livros sobre aconselhamento e sobre interação humana. Eles também devem ser pessoas atualizadas, que leem jornais, revistas e se interessem pelos mais variados assuntos e temas com os quais tenham que lidar.

Espera-se também que o capelão tenha uma formação mínima na área ministerial de aconselhamento e visitação, ou que tenha em seu currículo cursos ou especializações em capelania.

3.3.4 Personalidade

O capelão escolar é uma figura amável e idônea, que ama a vida e o próximo. Ele é uma pessoa humilde, honesta e educada, disposta a ouvir mais do que falar. Deve ser alguém sempre misericordioso e bondoso com aqueles a quem serve. Tem sempre uma palavra de ânimo e estímulo para os abatidos. É uma pessoa de muita esperança e muitas perspectivas para o futuro. Sua pessoa transmite paz, estabilidade, alegria e muita disposição para viver e ajudar o próximo.

3.3.5 Apresentação

A apresentação do capelão é um fator primordial para a implantação da capelania. Todo capelão deverá estar uniformizado ou identificado devidamente com crachá. É fundamental para a sua boa apresentação que ele saiba educadamente se apresentar a pessoas estranhas, saiba começar um diálogo e, com facilidade, abordar uma família de aluno em sua residência.

3.3.6 Família

A estabilidade da família do capelão é fator fundamental para que o mesmo tenha sucesso em seu trabalho de capelania. Não é recomendável uma pessoa que tenha problemas radicais nesta área para ser capelão. Normalmente, espera-se que o capelão seja alguém que esteja pronto para oferecer ajuda e não alguém que precise muito mais de ajuda do que tenha a oferecer. Isto é um fator contrário ao êxito da capelania, não esquecendo, evidentemente, que o capelão também é pessoa humana, sujeita às intempéries da vida. Mas caso sua situação pessoal seja algo constrangedor ou de alta complexidade ética é aconselhável que o mesmo se licencie, e seja substituído por outro, temporária ou definitivamente, conforme o caso.

3.3.7 O desempenho do capelão dentro do Projeto

A missão do projeto de capelania é realizar três tarefas básicas para as quais foram designados:

- 1) Realizar um evento recreativo que tenha como objetivo fazer uma interação na comunidade, onde está sendo instalada a capelania, bem como a apresentação da pessoa do capelão responsável pelo projeto. Isto pode ser desdobrado em passeios, viagens turísticas, filmes, apresentação de bandas musicais evangélicas, teatro, etc. Este trabalho também pode ser utilizado em datas comemorativas (comemoração de datas especiais) e feriados nacionais;
- 2) Realizar um trabalho de orientação pessoal em local próprio para aconselhamento;
- 3) Realizar um trabalho de visitação às famílias de todos que forem atendidos pela capelania. O total de horas de trabalho deve ser estabelecido de acordo com as necessidades do campo.

3.3.8 Ferramentas, acessórios, e horário de trabalho

As ferramentas de trabalho do capelão devem ser a Bíblia, livros sobre aconselhamento e orientação familiar, folhetos informativos sobre qualidade de vida (drogas, sexo, saúde), livros sobre primeiros socorros e medicina comunitária.

Seus acessórios indispensáveis são fichas de acompanhamento de casos, uniforme da capelania, crachá com foto do capelão, pasta, canetas, blocos de anotações, fichas de relatório. O horário de trabalho da capelania escolar deve ser o seguinte:

- a) Os eventos da capelania podem ser realizados em horário preestabelecido entre capelão e a comunidade, em finais de semana ou feriados nacionais e municipais;
- b) A orientação deve ser feita com hora marcada conveniente para o necessitado e o capelão;
- c) A visitação à família do necessitado deve ser feita em horário em que o aluno esteja em casa com a família. O capelão deverá estabelecer um horário fixo de permanência na comunidade, pelo menos duas vezes por semana.

3.4 As Modalidades de capelarias e competências

3.4.1 Visitação

A visitação da capelania corresponde a uma assistência pessoal dada pelo capelão ao necessitado na sua residência, com hora marcada previamente em horário disponível, com sua família presente. Para que haja o motivo da visitação é necessário um fichamento, que será feito previamente e que forneça dados sobre aqueles que mais necessitam deste tipo de ajuda. O capelão fará um relatório de todos os dados sobre a visita, fará um estudo de caso, juntamente, com a sua equipe e marcará uma segunda visita ou uma série delas caso necessário. Isto para incentivo e conscientização. O serviço de visitação do capelão é uma forma de se fazer presente na vida e na família do necessitado e abrangerá as seguintes circunstâncias:

3.4.1.1 A Pessoa a ser atendida pela capelania

O capelão de posse de seu endereço fará uma visita à sua família com aviso prévio, ele irá levantar dados da pessoa a ser atendida. Uma palavra de encorajamento é fundamental na primeira visita, pois o objetivo é atender e suprir a necessidade imediata daquele que será atendido. Anotados todos os dados, o

capelão estudará aquele caso com a equipe para descobrir como fará e o que empregará para socorrer a pessoa alvo dos atendimentos. Métodos e estratégias criativas devem ser estudados para atender à necessidade, uma vez que na implantação do projeto de capelania deverá haver flexibilidade mediante às exigências de cada caso.

Não havendo possibilidade de levantar dados pela família da pessoa a ser atendida deverá ser feita uma investigação junto aos órgãos competentes, como a secretaria de segurança pública sobre a origem de tal pessoa. Uma segunda visita será feita com uma proposta de solucionar o problema da pessoa a ser atendida pela capelania.

3.4.1.2 Pessoas em convalescência

As pessoas em convalescência, enfermos, são alvos prioritários da capelania. O capelão é responsável por visitar no hospital ou em casa (mediante aviso prévio) os enfermos que se recuperam de enfermidades simples ou graves, bem como aqueles que se recuperam de ato operatório ou acidentes. O capelão pode ser acompanhado de uma pessoa amiga do convalescente ou mesmo familiar. Nesta visita é mister linguagem alegre, piedosa e palavra de otimismo. O capelão sempre falará em nome da capelania que desenvolve o projeto, desejando o mais rápido restabelecimento da saúde.

3.4.1.3 A Família das pessoas em convalescência

É também alvo dos serviços de capelania, a pessoa com caso de enfermidades graves na família. O capelão, acompanhado desta pessoa, prestará um serviço de visitação àquela família, buscando confortar o mesmo e a família, reanimando a alma de todos os que lidam com o enfermo. É importante que o capelão busque informações sobre casos de enfermidade na família e como isto tem afetado a vida da pessoa atendida pelo projeto de capelania.

3.4.2 Direcionamento

O trabalho de orientação da capelania consiste em palestras especiais com temas voltados para as questões mais problemáticas na vida dos envolvidos nesse

projeto, bem como em sessões de aconselhamentos em local próprio. Como o próprio nome sugere a orientação visa fornecer horizontes, por meio de diretrizes gerais (conversando e orientando o grupo) ou por meio de uma abordagem específica (aconselhando-o particularmente), para pessoas perturbadas e confusas em suas relações humanas, indicando o melhor caminho a ser seguido para um bom êxito na vida.

3.4.3 Relações Familiares

Sobre este tema o capelão poderá ministrar palestras sobre os referenciais de convivência familiar, ensinando a cada um a reconhecer o seu papel dentro da família, a respeitar o papel do outro e incentivar a cada parte a cumprir suas responsabilidades nas relações familiares. Além desses referenciais, uma forte ênfase deverá ser dada aos princípios unificadores e fortalecedores da relação familiar como o amor, a humildade, a amizade, a lealdade e o altruísmo. Nas sessões do aconselhamento sobre questões dentro deste tema, o capelão se utilizará dos mesmos princípios norteadores das palestras.

3.4.3.1 *Crise nas relações de família*

Quando as relações familiares são ameaçadas por crises de várias tonalidades, afetando a vida da pessoa atendida pela capelania, o capelão orientará o melhor caminho para a superação das dificuldades provocadas pela crise. Esse tipo de ajuda pode ser sugerida pelo próprio capelão. Se faz necessário marcar sessões de aconselhamento e também haver disposição por parte da pessoa atendida para ser ajudado. Nenhum trabalho de orientação desta natureza deverá ser imposto ou forçado.

3.4.3.2 *Crise em relações mútuas*

A orientação em casos de crise de relações mútuas é um trabalho que deve partir da iniciativa exclusiva da capelania ao perceber a falta de interação entre determinados membros da comunidade ou ao obter informações sobre o relacionamento de tais pessoas. Os princípios utilizados nesta orientação são

apenas conscientizadores de uma perspectiva de melhor relacionamento entre as partes.

3.4.3.3 Atividades sociais

A atividade da capelania corresponde também às atividades que promovam a interação da pessoa atendida pela capelania e a comunidade, o fortalecimento dos laços de amizade, lealdade, confiança, estabilidade do relacionamento pessoal, bem como o despertar do interesse de cada pessoa pelo outro, mediante circunstâncias específicas criadas pela capelania. Isso também tem em vista a diminuição do estresse do homem urbano, a recreação da alma e a formação de uma mentalidade com vistas à necessidade de viver uma vida digna de pessoa. Nesta área o serviço do capelão está voltado para a promoção dos seres humanos como pessoas, fornecendo-lhes princípios e conhecimentos que melhorem sua qualidade de vida em todos os aspectos. Muitas informações pertinentes à manutenção de uma vida de qualidade devem ser veiculadas na relação do capelão com aqueles que são atendidos pelo projeto de capelania.

3.4.3.4 Palestras sobre qualidade de vida

O capelão deve informar aos alunos sobre os princípios da boa alimentação e saúde, que irão propiciar uma melhor qualidade de vida. Devem ser organizadas pela capelania, preferencialmente, em uma data especial: palestras com profissionais de saúde (médicos, fisioterapeutas, engenheiro agrônomo, psicólogos, nutricionistas, etc.), às quais devem passar informações necessárias à boa alimentação e saúde de todos que são atendidos pela capelania, bem como seus familiares e comunidades onde estão inseridos, de acordo com a faixa etária dos participantes.

3.4.3.5 Recreação da alma

O lazer é também alvo da capelania. Este lazer tem em vista diminuir a preocupação, a insegurança, a solidão, a timidez, a baixa autoestima e o fraco relacionamento. Este trabalho deve ser feito não apenas para o prazer individual dos envolvidos com a capelania, mas deve ser voltado também para que estes tenham

uma maior interação no grupo, visando diminuir o individualismo e o egocentrismo de cada um.

A recreação da alma visa criar e aprofundar um sentimento de fraternidade humana no aluno, enquanto se relaciona com pessoas dentro de um grupo. Isso possibilita encontrar pontos de interesses comuns, tornando-os mutuamente mais dependentes. As atividades que podem colaborar para este alvo são piqueniques, passeios, competições esportivas, filmes, música, almoços sociais, festas de aniversário nas residências dos que são atendidos pela capelania, viagens culturais, comemorações de datas especiais, intercâmbios com outras comunidades próximas e, não havendo familiares, deve o capelão realizar eventos no centro comunitário, de modo que envolva e interaja a todos os participantes desta comunidade.

3.4.3.6 Eventos de Dignidade Humana

A capelania deve promover campanhas que estimulem o interesse de todos pela diminuição do sofrimento do seu próximo e para estimular o altruísmo e o senso de responsabilidade humana para com o próximo. Essas campanhas servem também para ajudar os vizinhos de todos que são atendidos pela capelania.

As campanhas podem ser feitas dentro do próprio ambiente onde foi instaurada a capelania ou estimulada na busca de ajuda fora deste ambiente (indústria e comércio). Vários temas podem ser dirigidos pelo capelão: vítimas das enchentes e desabamentos, fome no sertão, menores carentes, pacientes carentes de hospitais públicos, asilos de idosos, orfanatos, etc.

A implantação da Capelania nas várias modalidades supracitadas deverá ser regida conforme a necessidade desta modalidade, bem como a comunidade ou seguimento onde se fará as visitas. Modalidades como a hospitalar, militar, prisional e escolar já se estabeleceram de forma eficiente e eficaz. Outras modalidades como a social e ecológica são um universo que necessitam ainda ser desenvolvidas plenamente uma vez que, estas não exercidas com tanto esmero ainda como aquelas. Podemos devotar isto a dois grandes fatores: falta de material humano e, ausência de literatura que ensina e incentive a tal prática.

Torna-se um desafio desenvolver essas capelanismos para todos os que desejam trabalhar em favor dos menos favorecidos, dos desamparados, dos esquecidos e até ridicularizados pela sociedade.

Humanizar o humano é mais do que sociabilizar, é devolver o que foi tirado pela vida, pelas circunstâncias adversas de todos que se sentem excluídos do meio em que vive. Sendo assim, exercer a capelania em suas várias modalidades é ser um instrumento que reintegrará, de forma humanizada, aqueles que se sentem um objeto descartável nos círculos que vive.

CONCLUSÃO

Ao apresentar este trabalho procurou-se desenvolver um estudo sobre a importância da capelania e como deve ser desenvolvida em suas várias modalidades. Essas modalidades estão sendo desenvolvidas, conforme a necessidade e exigências das novas demandas que surgem no palco da humanidade. O que a pesquisa se propôs foi mostrar que a capelania, em suas múltiplas modalidades, prioriza em seu campo de atuação o atendimento às necessidades daqueles que se sentem frágeis diante de situações adversas e não encontram saída. Além disso, é solidária em meio à dor, dramas e crises do ser humano, proporcionando condições para uma vida digna, com todos os direitos assegurados na construção de uma espiritualidade sadia e geradora de vida.

A proposta desta pesquisa é refletir sobre a importância de um trabalho de capelania e como esta contribui com a sociedade. Leo Pessini a partir da capelania hospitalar afirma:

A atuação pastoral eficaz torna-se criativa ao enfrentar evangelicamente essa solidariedade em meio à indiferença, calor humano em meio ao abandono, gerando assim o sentimento de ser parte da família mais ampla dos filhos de Deus, aos que neste momento têm sérias razões de sentirem-se como filhos/as do acaso, do nada ou de ninguém.⁵⁴

Mesmo sendo um conceito aplicado ao contexto hospitalar podemos remetê-lo à condição geral daqueles que se sentem sozinhos diante das mazelas da vida. O ser humano é um ser complexo: biológico, psíquico, social e espiritual. Todas se interpenetram. Qualquer desajuste que afete uma dessas dimensões pode provocar uma crise que comprometerá o bem-estar da pessoa e afetará todos que estão ligados direta ou indiretamente a ela. Por isso, também o processo de restauração deve ser multidimensional. A capelania surge no contexto de colaborar com a formação integral do ser humano. Isto significa prestar auxílio a essa pessoa para que possa viver com suas limitações e restaurar seu relacionamento com outras pessoas.

Pesquisas científicas que relacionam fé ao bem-estar vêm pouco a pouco chamando a atenção da sociedade. Dizem respeito à contribuição da fé na vida do ser humano. É claro que encontramos aqueles que são céticos, mas estes não foi o

⁵⁴ PESSINI, Leocir. *Como lidar com o paciente em fase terminal*. 5. ed. São Paulo: Santuário, 2003.

objetivo desta pesquisa. Esta procurou relatar o que a capelania contribui e pode contribuir para aqueles que estão jogados nas sarjetas do esquecimento, para aqueles que se encontram sem saída, etc.

A prática da capelania deve ser bem conduzida, com profissional qualificado, pois vivemos num universo religioso em que as pessoas devem ser respeitadas por praticar ou não uma religião. Sabemos que a espiritualidade e a religiosidade estão inseridas em todo ser humano, de acordo com seu *modus vivendi*. Elas expressam seus valores, costumes, ensinamentos e forma de pensamento. Por isso precisam ser respeitadas.

Vale ainda lembrar que o fato de o indivíduo poder falar livremente e expressar sua fé sem medo de ser discriminado já traz resultados positivos. Precisamos entender que a espiritualidade configura-se como um caminho que nos ajuda a desenvolver a consciência de vivermos de um modo responsável. Ser responsável por si mesmo significa ser responsável também pelos outros.

Em uma aula ministrada pelo professor Flávio, na Est, foi dito a todos que a vida não terá objetivo nenhum para a pessoa que muito possui, se esta não atender ao próximo com poucas posses.⁵⁵ Entendemos ser esta a essência para humanizar a humanidade. A influência imposta pelo capitalismo de construir só pensando no bem-estar pessoal é o fator que tem desnivelado a sociedade como um todo. A capelania visa atender aqueles que estão sendo vítimas deste desnivelamento procurando suprir dentro da sua modalidade, as necessidades resultantes desta influência.

A começar pelo primeiro capítulo, foi tratado sobre a gênese da capelania, sua relação com a Bíblia, sua finalidade e amparo que possui dentro da constituição. Procurou-se entender sobre a figura e o papel do capelão. Neste capítulo enfatizou-se ainda, os objetivos e fundamentos da capelania, procurando destacar que a mesma nasceu dando a uma necessidade extrema e atendeu as demandas, tornando-se um instrumento de suporte em tempos de guerra e de paz.

O segundo capítulo procurou abrir o leque de atuação da capelania, antes dedicado aos militares e aos enfermos e o campo é muito mais abrangente, pois envolve outras modalidades que a capelania pode atuar. É um universo que precisa

⁵⁵ Flávio Schimtt é doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), atua como professor na graduação e Pós-Graduação em Teologia da Faculdades EST, em São Leopoldo/RS.

ser descortinado, pois há falta de material publicado. Por isso, é necessário desenvolvê-lo para atender à demanda. Foi observado que a capelania tem se tornado um instrumento singular para socorrer aqueles que buscam por socorro. Contudo, temos de admitir que muito ainda se deve caminhar em busca de um despertar para a importância da capelania na sociedade.

O terceiro capítulo foi desafiador, pois tratou - se da implantação de um projeto de capelania. Formular o processo de desenvolvimento e aperfeiçoamento das modalidades existentes na capelania é um campo novo, há poucos ou quase nenhum material editado. Por isso, é desafiador. Procurou-se elencar as necessidades basilares a serem observadas na implantação da capelania. É claro que deve ser visto como o marco inicial para muitas descobertas que se obterão no transcurso do projeto de capelania.

Ao chegar ao fim desta pesquisa, o autor entendeu que pôde contribuir para enriquecer este tema singular, a Capelania, compreendido como seguimento de apoio para humanização da humanidade. Humanizar o humano é voltar à gênese da vida e a capelania procura resgatar esta essência que se torna cada dia mais distante, mais raro. Enfim, totalmente desconhecido.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE INSTITUIÇÕES EVANGÉLICAS EDUCACIONAIS – ABIEE. Relatório para os Associados, dezembro de 2007.

BARBOSA, José Carlos. *O Cavaleiro do Senhor*. Piracicaba: UNIMEP, 2002.

BÍBLIA de Estudo Dake. Tradução de João Ferreira de Almeida. ed. rev. e corr. Belo Horizonte: Editora Atos, 1997.

BÍBLIA de Promessas Almeida. Tradução de João Ferreira de Almeida. ed. rev. e corr. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações, 2004.

BOCCIA, Sandra. “Em nome da cura”. In: *Revista Veja*, São Paulo, Abril, Edição 1, no 626 - 1o/12/1999. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/011299/p_132.html>. Acesso em: 15 out. 2015.

BOFF, Leonardo. *Ética e moral: a busca dos fundamentos*. Petrópolis: Vozes, 2003.

_____. *Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra*. Petrópolis: Vozes, 1999.

BOISEN, Anton. *Theophilus* (29 de outubro de 1876 - 01 de outubro de 1965) foi uma figura importante na Capelania Hospitalar e educação pastoral clínico. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Clinical_pastoral_education>. Acesso em: 14 out. 2015.

BRASIL. *Constituição Brasileira de 1988*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm>. Acesso em: 15 de set. 2015.

CORDEIRO, Rubens. *Workshop sobre Capelania, em 11.12.2008*. Auditório da Direção Geral, 2008.

EMEF JOÃO ALFREDO CORRÊA PINTO. Disponível em: <<http://www.joaoalfredopinto.blogspot.com.br>>. Acesso em: 28 out. 2015.

FEDERAÇÃO das Entidades e Projetos Assistenciais – FEPAS. Disponível em: <<http://fepas.org.br>>. Acesso: 23 out. 2015.

FEHER, S.; MALY, R.; MALY, C. *Coping with Breast Cancer in Later Life: The Role of Religious Faith*. Psychooncology, 1999.

FERREIRA, Damy; ZITI, Mário Lizwaldo. *Capelania Hospitalar Cristã – Manual Didático e Prático para Capelães*. Santa Bárbara D'Oeste, SOCEP, 2002.

FERREIRA, Damy. *Capelania escolar evangélica*. São Paulo: Rádio Trans Mundial, 2008.

FERREIRA, Damy; ZITI, LIZWALDO Mário. *Capelania Hospitalar Cristã*. São Paulo: SOCEP, 2002.

GOETZMANN, Jürgen. Ansiedade, cuidado. In: BROWN, Colin (Ed.). *O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. Tradução de Gordon Chown. Revisão de Júlio Tavares Zabatiero. São Paulo: Vida Nova, 1981.

HAECKEL, Ernst. *Generelle Morphologie der Organismen*. Georg Reimer. Universidade de Michigan, 1866. p. 574.

HARRIS, P. *A Rocha: uma comunidade evangélica lutando pela conservação do meio ambiente*. São Paulo: ABU, 2001.

HARTLEY, John E.; Shamar. In: HARRIS, R. Laride (Org.). *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. Tradução de Márcio Loureiro Redondo et al. Revisão de Gordon Chown et al. São Paulo: Vida Nova, 1998.

JOHNSON, S. C; SPILKA, B. *Coping with breast cancer: the roles of clergy and faith*. Journal of Religions and hearth, 1991.

JUNG, Carl Gustav. *Psicologia da religião ocidental e oriental*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1988.

_____. *Psicoterapia e direção espiritual*. Petrópolis: Vozes, 1995.

KACZOROWSKI, Jane M. *Spiritual Well-Being and Anxiety in Adults Diagnosed with Cancer*. The Hospice Journal, 1989.

KOENIG H. G.; SHELP, F.; KUDLER, H. S.; COHEN, H. J; BLAZER, D. G. *Major depression in hospitalized medically ill men: Documentation, treatment, and prognosis*. International Journal of Geriatric Psychiatry, 1992.

KOENIG; PAIRE; BEARON; TRAVIS. *Religious perspectives of doctors, nurses, patients and families: some interesting differences*. Journal of Pastoral Care, 1991.

KOENIG, H. G; MOBERG, D. O.; & KVALE, J. N. *Religious and Hearth characteristics of patients attending a geriatric clinic*. Journal of the Society, 1988.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. *Sobre a Morte e o Morrer*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1969.

LOPES, Augusto Nicodemos G, Chanceler da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

PESSINI, Leocir. *Como lidar com o paciente em fase terminal*. 5. ed. São Paulo: Santuário, 2003.

PROJETO Regulamenta a Capelania em todo Brasil. Disponível em: <<http://www.cpadnews.com.br/universo-cristao/30671/projeto-regulamenta-a-capelania-em-todo-brasil.html>>. Acesso em: 28 out. 2015.

REALIDADE da Carceragem Brasileira. Disponível em: <<http://justicagovbr/relatorio-do-infopen-2015>>. Acesso em: 23 out. 2015.

REILY, Duncan A. *Metodismo brasileiro e wesleyano: reflexões históricas sobre a autonomia*. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1981.

ROBERTS, James A.; BROWN, D.; ELKINS, T.; LARSON, D. B. *Factors Influencing Views of Patients with Gynecologic Cancer About End-of -Life Decisions*. American Journal of Obstetrics and Gynecology, 1997.

SCHALLENBERGER, Djoni. *Capelania Hospitalar: desafio e oportunidade de amar pessoas*. Curitiba: Editora Ideia, 2012.

SILVA, M. B.; VIEIRA, S. B. O processo de trabalho do Militar Estadual e a Saúde Mental. In: *Saúde e Sociedade*, São Paulo, 2008.

STROHL, Lydia. A Fé Cura? In: *Revista Seleções*, Agosto, 2001.

VANDECREEK; ROGERS; LESTER. *Use of alternative therapies among breast cancer outpatients compared to the General population*. Journal of Alternative and Complementary Medicine, 1999.

VASCONCELOS, Anselmo Ferreira. *Espiritualidade no ambiente de trabalho: dimensões, reflexões e desafios*. São Paulo: Atlas, 2008.

VIEIRA, Walmir. *Capelania Escolar Batista. As práticas pastorais desenvolvidas pela capelania dos Colégios Batistas*. São Bernardo do Campo: UMESP, 2009.

_____. *Capelania Escolar, desafios e oportunidades*. São Paulo: Rádio Trans Mundial, 2009.